

A arte de olhar... e ver

Carlos Eduardo M. Fialho

Faustino Teixeira

Fernando Torres-Londoño

Ivone Gebara

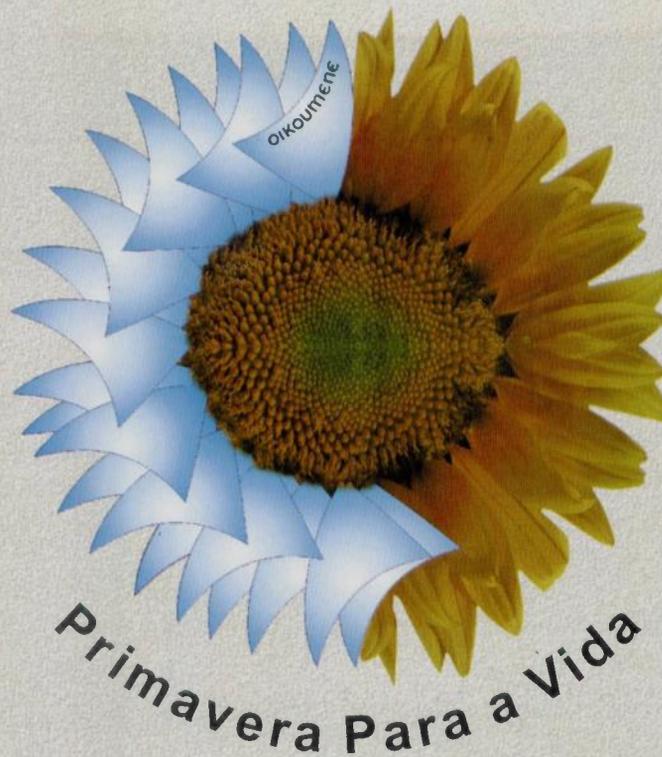
Jurandir Freire Costa

Paulo Botas

Tereza Cavalcanti

Zwinglio M. Dias





Justiça, Paz e Integridade da Criação!

Como as sementes – que são frutos – do bendito girassol,
as *sementes* da CESE se espalham bem ligeiro
pelos campos e cidades, germinando nos quatro cantos do País.

A Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE – vai promover, de 17 a 23 de setembro, sua primeira campanha nacional para difusão de *idéias* libertadoras e captação de *recursos* para *servir à Vida!* Como parte da Campanha *Primavera Para a Vida*, no dia 23 de setembro, as Igrejas-membros da CESE estarão, nos cultos e celebrações dominicais, dedicando orações e promovendo coleta de recursos especialmente para essa entidade ecumênica, que há 28 anos tem ajudado os menos favorecidos a conquistarem o Reino de Deus na Terra – Justiça, Paz e Integridade da Criação!

O tema da Campanha é *A Terra* (o planeta – e sua integridade, principal abrigo da Criação Divina; terra, no campo, para quem, nela, quer, precisa e merece viver e cultivar; terra urbana – morada e conforto para quem vive e precisa trabalhar nas cidades). Seu símbolo é a *Semente do Girassol* (pela rapidez da germinação e crescimento; beleza, tamanho e imponência da flor, e quantidade de *sementes*, que são seus frutos, trazidas em seu *centro*). Diversas atividades religiosas e culturais estão previstas: culto ecumênico de abertura, palestras, *shows* musicais, apresentações cênicas, instalação *multimídia* e algumas surpresas. Material litúrgico e de divulgação da Campanha será distribuído, pela CESE, às Igrejas-membros.

A CESE espera contar com o apoio das Regiões, Dioceses, Sínodos, Paróquias, grupos de leigos e de jovens, enfim, com todas as pessoas de boa vontade, para que esta Campanha tenha o sucesso merecido e esperado e que, assim, seja possível continuar a labuta cristã em prol dos desfavorecidos, *para que tenham vida, e a tenham em abundância!* E que não se deixe, por nenhuma circunstância, de motivar uma oração em favor da CESE, almejando êxito na difícil caminhada para ajudar a prover as parcelas carentes do povo brasileiro dos meios necessários à Vida com Dignidade, Justiça e Democracia!



Coordenadoria Ecumênica de Serviço

Idéias e Recursos a Serviço da Vida

www.cese.org.br

Revista bimestral de KOINONIA
Março/abril de 2001
Ano 23 n° 316

**KOINONIA Presença Ecumênica
e Serviço**

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (21) 224-6713
Fax (21) 221-3016
E-mail koinos@alternex.com.br
www.koinonia.org.br

CONSELHO EDITORIAL

Emir Sader
Francisco Catão
Maria Emília Lisboa Pacheco
Maria Luiza Rückert
Sérgio Marcus Pinto Lopes

CONSELHO CONSULTIVO

Carlos Rodrigues Brandão
Ivone Gebara
Jether Pereira Ramalho
Jurandir Freire Costa
Leonardo Boff
Luiz Eduardo Wanderley
Rubem Alves

EDITOR

José Bittencourt Filho

EDITORA ASSISTENTE E**JORNALISTA RESPONSÁVEL**

Helena Costa
Mtb 18619

EDITORA DE ARTE**E DIAGRAMADORA**

Anita Slade

COPIDESQUE

E REVISOR
Carlos Cunha

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Mara Lúcia Martins

CAPA

Anita Slade

PRODUÇÃO GRÁFICA

Roberto Dalmaso

FOTOLITOS

GR3

IMPRESSÃO

Clip

Os artigos assinados não traduzem
necessariamente a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso

R\$ 3,00

Assinatura anual

R\$ 18,00

Assinatura de apoio

R\$ 25,00

Assinatura/exterior

US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

KOINONIA**Ecumenismo, ética e pluralismo****6****A ARTE DE OLHAR... E VER****FARTURA****Quem tem medo de chocolates?****7**

Paulo Botas

REBENTO**Banhos: instituição e sensibilidade****11**

Tereza Cavalcanti

AMANTES**Neil Jordan e a liberdade do agir****15**

Jurandir Freire Costa

HIBRIDIZAÇÃO**Visões do Nordeste****19**

Carlos Eduardo M. Fialho

TEOLOGIA**O filme de que eu gosto****23**

Ivone Gebara

ÍNDICE DE TEMPO E PRESENÇA**Índice 2000****26****VERDADES****Reflexão teológica sob censura****28**

Faustino Teixeira

REINVENÇÃO**Uma aventura ecumênica obstinada****31**

Zwinglio M. Dias

PACIFICAÇÃO**Colômbia: em busca da paz****34**

Fernando Torres-Londoño

RUBEM ALVES**Sobre simplicidade e sabedoria****37**

KOINONIA é uma instituição ecumênica assim como ecumênica é a alegria, a paz, a construção, a liberdade e também a tristeza, o medo, a destruição, o esmagamento da vida. No conjunto dos servidores, KOINONIA tem representantes dos que crêem (católicos, protestantes e outros) acima de tudo, no Deus da Vida, da Justiça e da Paz, e ainda representantes de entidades ecumênicas e do movimento social. Pela solidariedade e pela dignidade; contra quaisquer expressões de exclusão e da submissão humana, KOINONIA (em grego, comunhão) afirma seu compromisso radical ecumênico e quer fazer-se sempre presença e serviço.

Biblioteca - Koinonia

(X) Cadastrado

(X) Processado

Mais uma vez e com satisfação, abordamos

a temática cultural na segunda edição do ano. A bem da verdade, durante o ano todo, contemplamos assuntos de natureza cultural, contudo, tendo em vista o perfil profissional dos nossos leitores (educadores, religiosos e militantes, na maioria), consideramos pertinente publicar uma edição voltada à valorização das produções culturais stricto sensu. O que pretendemos é discerni-las como instrumentos de produção de conhecimento, ou seja, percebê-las para além do senso comum que as alcança apenas na sua função de entretenimento para consumo, fato agravado pela multiplicidade de filmes na televisão, nos vídeos e mesmo na Internet.

Nessa oportunidade elegemos o cinema como eixo de reflexão. Para tanto, desafiamos alguns pensadores a utilizar filmes como matéria-prima para as análises das questões mais amplas, que os enredos cinematográficos tão bem ensejam. Pois, o fluxo de ar luminoso que se aliena do projetor e se manifesta na tela — tal como se fosse uma moderna máscara tecnológica que, como a antiga, continua a esconder e a mostrar — pesa como uma substância superior por sobre a cabeça dos espectadores (Massimo Canevacci). Assim sendo, o cinema deverá figurar nesta edição com um enfoque específico, no intuito de fornecer outra perspectiva de interpretação, mais precisamente, a que comporta a estética como instrumento de apreensão e compreensão da realidade.

Sugerimos aos articulistas que escolhessem filmes razoavelmente recentes e acessíveis, nos cinemas e/ou nas locadoras. Não diferenciamos entre produtos nacionais e estrangeiros, sendo bem-vindas mesmo as abordagens voltadas para o chamado cinema comercial (hollywoodiano), que não pode ser desconsiderado, em virtude da monumental influência que exerce como um dos principais instrumentos da moderna cultura de massas.

Mercê da índole ecumênica da nossa Revista, e para manter as características do nosso padrão comunicativo, ao lado das deliciosas matérias dos nossos cronistas, não deixamos de veicular neste número, discussões, análises e informações qualificadas de ordem conjuntural.

Faça bom proveito!

Valho-me deste meio, para informá-lo da pretensão de continuar a renovar a revista TEMPO E PRESENÇA, enviando-lhes cópia do depósito. Nesta oportunidade quero agradecer-lhes o presente precioso que estimula a reflexão das questões atuais; ressaltando ainda que a revista tem contribuído e vem contribuindo para a caminhada dos movimentos sociais e religiosos. Continue assim; brilhando a caminhada do pobre sonhador.

Meus sinceros votos de estima e consideração de um irmão fraterno.

João de Deus Sousa
Morrinhos/GO

Conhecendo a qualidade dos textos e artigos publicados nesta revista, percebi que esta é de grande utilidade pessoal e também em meu trabalho como professor. Resolvi então fazer uma assinatura anual. Efetuei o pagamento na conta indicada, no entanto, eu perdi o encarte com dados a serem preenchidos por novos assinantes.

Estou enviando o comprovante de pagamento, para comprovar que este foi efetuado e assim cadastrarem minha assinatura anual.

Gostaria que vocês, por favor, me enviassem o livro sobre narcotráfico que a editora gentilmente presenteia aos novos assinantes.

Antonio Vieira Neto
Santa Bárbara D'Oeste/SP

Renovo com muita alegria minha assinatura, orando para que haja entre nós cristãos a KOINONIA desejada por Cristo, para que o mundo creia que Ele foi o enviado.

Conto com o esforço de toda a equipe da Revista para que ela continue nos alimentando e animando na construção do Reino.

Darcy Corazza
São Paulo/SP

Quero parabenizar pelo excelente trabalho realizado por esta Revista. Agradeço a possibilidade de enxergar melhor o mundo através das reflexões abordadas em vossos textos.

Estou enviando o cheque referente a assinatura para o próximo ano.

Amilton Costa
Maringá/PR

Em primeiro lugar, gostaria de parabenizar toda a equipe KOINONIA pela competência e ecumenismo em relação aos artigos publicados na revista TEMPO E PRESENÇA, da qual mui honradamente sou assinante. Apenas a título de informação, o que me levou a optar pela assinatura de TEMPO E PRESENÇA foi a participação (presença) do meu mui estimado Rubem Alves. Este companheiro é fantástico em suas colocações, e eu gosto dele não por concordar com o que ele escreve, mas pelo contrário, por discordar de algumas coisas, mas o mais importante é que ele me leva a raciocinar, a cair, às vezes me machuco, mas sempre aprendo.

Muito obrigado pela paciência em terem lido o que acabo de escrever.

Um grande abraço fraternal a todos e... Shalom.

Marcley Gomes de Oliveira
Congonhas/MG (Por e-mail)



Ecumenismo, ética e pluralismo

Que todos os homens se lembrem de que são irmãos! Que tenham horror à tirania exercida sobre as almas, do mesmo modo que odeiam o banditismo que arranca com a força o fruto do trabalho e da atividade pacífica! Se são inevitáveis os flagelos da guerra, que pelo menos não nos odiemos, não dilaceremos uns aos outros nos períodos de paz, e empregemos o breve instante de nossa existência para bendizer, todos juntos em milhares de línguas diferentes, desde Sião até a Califórnia, a bondade que nos concedeu este instante.
(Voltaire, 1694 – 1778)

Quando da Assembléia de fundação do Conselho Mundial de Igrejas (Amsterdã, 1948), um pequeno grupo de participantes, coordenados pelo dr. Frederick Nolte, deixou a Assembléia para ir a Paris, onde estava sendo redigida a versão final da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com o intuito de oferecer a formulação sobre *Liberdade Religiosa*, produzida durante a Assembléia de Amsterdã, a qual foi aceita e transformada no artigo 18 na versão final da Declaração.

De lá para cá a questão dos Direitos Humanos, da Liberdade Religiosa e, portanto, da tolerância em matéria de fé e prática religiosa, transformou-se num dos principais eixos do trabalho evangelizador do Movimento Ecumênico em busca da unidade dos humanos. Um esforço ininterrupto em prol do diálogo, do entendimento e da cooperação entre as Igrejas cristãs e destas com as demais religiões que

caracterizam as multiformes expressões culturais da humanidade.

KOINONIA, desde sempre alinhada com esta perspectiva humanizadora do Movimento Ecumênico, se inquieta com as crescentes manifestações de intolerância religiosa por parte de diferentes grupos religiosos (que têm como foco as religiões afro-brasileiras), e até mesmo de algumas instituições eclesiais (com opiniões expressas na grande imprensa). Estas menoscabam e vilipendiam outras formas de religiosidade, numa clamorosa negação da ética solidária do Evangelho e num flagrante atentado ao direito de dissentir — de pensar e ser diferente — garantido pela própria Constituição do País.

Neste sentido KOINONIA faz seus alguns aspectos da “Mensagem sobre Ecumenismo” recentemente proclamada pelo Movimento “Ação Social e Ecumênica Latino-americana” (ASEL) que no seu capítulo 3 intitulado “Unidade e Ecumenismo”, reflete com fidelidade a tradição ecumênica em favor da liberdade religiosa e expressa com clareza o posicionamento que tem caracterizado a vida e o nosso trabalho.

Diz a Mensagem (3.3/3.4/3.6):

“• No meio de uma complexidade religiosa maior, quando aparecem diferentes “verdades” e buscas genuínas de relacionamento com o sagrado, é fácil ceder à tentação do relativismo, segundo o qual qualquer postura religiosa, ou ética, é correta. É verdade que não podemos julgar essas ‘verda-

des’ segundo critérios abstratos e meramente conceituais, mas elas devem ser examinadas e analisadas para que mostrem seu valor e sua autenticidade no testemunho, em atos concretos de compromisso com a vida.

• Assim como recusamos a postura fácil do relativismo, temos que negar com toda clareza e firmeza, as posições sectárias, essas que pretendem que apenas um grupo de eleitos — os que adotam um credo e um estilo de vida particular — foram chamados a ser salvos. Numa sociedade pluralista, onde devem primar o mútuo reconhecimento e o respeito às diferentes opções religiosas, o sectarismo se converte numa séria ameaça à paz social.

• Já nos primeiros dias da história da Igreja a diversidade foi um fato na vida cristã; mais, as diferenças culturais “motivaram atitudes etnocêntricas no tratamento da questão social”. Porém, diante desta diversidade Paulo afirma radicalmente a igualdade diante Deus de todas as expressões culturais (Gálatas). A isso se soma a convicção teológica e eclesiológica fundamental, que hoje e sempre deve inspirar nossos esforços ecumênicos: que nenhuma igreja pode ser igreja, no sentido pleno da palavra, separada de outras igrejas. Eis aí o significado profundo da metáfora paulina do corpo (1 Coríntios 12).” ☩

(Documento de ASEL a la IV Asamblea General del CLAI)

Quem tem medo de chocolates?

Paulo Botas

E os mortos não foram enterrar seus mortos. Saíram por aí assustando os comedores de chocolate, tentando acabar com a festa que os ciganos deslançaram. Ler o padre Paulo é uma festa. A gente 'vê' o filme que é Quaresma e ressurreição — jejum de chocolates e fartura deles. Nosso espírito recusa-se a jejuar chocolates. Leiam. Loucura divina!

Sic enim Deus dilexit mundum...
(Jo. 3,16)

QUE OS MORTOS ENTERREM OS SEUS MORTOS

Uma cidade inteira obedece às normas rígidas, desde séculos, impostas pela tradição familiar do prefeito local. Católico mais ferrenho que fervoroso, baluarte da moralidade, abandonado pela esposa, que estaria *en vacances* em Veneza, este homem dissimulado se apresenta à comunidade como exemplo irreduzível. O filme inicia na cor

sépia com um plano de vôo mostrando a tristeza do vilarejo. O prefeito, à porta da igreja, com o pároco, recebem os fiéis para a missa de domingo, no início da quaresma no ano de 1959. Após todos entrarem, fecha-se a porta principal e o pároco conduz a liturgia com toda a contenção possível e imaginável, como um mestre de cerimônias repetindo *ad nauseam* os mesmos gestos, trejeitos e olhares repressivos. A comunidade adormecida repete o rito dominical, não o da missa, mas o dos lugares previamente determinados, o dos gestuais comidos sob o olhar severo do prefeito que nunca e jamais reza.

O jovem padre do filme, recém saído do seminário, mais parece um anjo assustado do que um pároco em pé de igualdade com o poder local. Temeroso, necessitando de aceitação, é presa fácil da manipulação do prefeito. Este escreve-lhe os sermões, ensaia até a exaustão do jovem padre as entonações e corrige suas intuições humanas, inoculando-as de uma perversão inominável como a que existe em seu coração e atitudes.

O prefeito, este homem mal-amado, escondido atrás do seu título de nobreza, o de conde, fechado em seu escritório sem nada comer, sem nada fluir no seu sectarismo quaresmal, olha, lascivamente, para a sua secretária, real, perfumada, penteada, bem vestida e se volta para um porta-retrato que ostenta a foto da condessa dis-

tante. Este homem mantém a farsa familiar por meio da culpa e punição, ainda que todos saibam que a condessa o abandonara. Esta culpa e punição serão extravasadas durante o filme todo pela malversação, pela intolerância, pela manipulação maliciosa das pessoas que mais temem o seu poder corrosivo do que acreditam nas suas confabulações. Mas... inútil valorizar este prefeito que é encontrado, em seu espírito, em tantas pessoas da nossa vida cotidiana e instituições. Vamos deixar que os mortos enterrem seus mortos.

QUE OS MORTOS CONTINUEM ENTERRANDO OS SEUS MORTOS

Entretanto as famílias unidas pelo sagrado matrimônio também sofrem violências que bradam aos céus. A viúva que desde 1917 é condenada ao luto entre as duas amigas guardiãs da sua (i)moralidade. A jovem, tida como louca, porque não vai à Igreja, sofre sevícias do marido, dono do bar local freqüentado pelos homens da *terrinha*. A matriarca é abandonada pela filha, proibida de ver o neto desenhista, que retrata a morbidez da cidade em desenhos de tortura e morte. Ela, prestes a completar seus setenta anos, sabedoria crítica da vida *imoral* da pequena cidade.

Nenhum encontro humano é possível nesta vida dissimulada e culpada. Nenhum sentimento nobre pode aflo- rar aos corações ressequidos e resse-

cados pela ausência de gestos de ternura e carinho. Nenhuma comunidade à vista. Apenas corpos justapostos e envelhecidos sem a textura das peles oferecidas aos carinhos dos dedos e aos afagos dos lábios. Tudo isto para manter a *tranqüilidade* da cidade, mais sepulcro caiado do que humanidades ressurretas.

Os ventos, apesar de tudo, são pré-conciliares e seus ecos já ressoam na Europa, inundando de esperança a futura igreja nascente pós-Eugênio Paçelli, o papa Pio XII. Este mesmo vento, o do Espírito, seja ele o Santo, o Maya ou o Exu, vem vestido de capa vermelha, como a menina da fábula que leva doces para a vovozinha, comida pelo lobo da dissimulação. Este vento, que se anuncia publicamente para toda a cidade traz as mulheres, mãe e filha, para que, de geração em geração, tragam a liberdade sagrada sem a qual nenhuma transcendência é possível na vida dos homens e mulheres.

As mulheres cuja ação no mundo é vital para a construção da humanidade foram, muitas vezes, perseguidas, presas, acusadas, levadas aos tribunais e queimadas como feiticeiras e bruxas pelos adoradores da intransigência e da intolerância; pretensos senhores altivos da vida e da morte, sendo apenas os deuses enganadores com os quais a serpente seduziu a humanidade.

Essas mulheres, em plena quaresma, alugam da velha dama proscrita a antiga confeitaria e inauguram uma chocolateria chamada *Maya*, cujos confeitos acordam as emoções e sentimentos represados há tantos anos. Doce transgressão que ilumina os corações, os olhares, as faces e traz lem-

A festa se inicia na casa da matriarca, em torno da mesa, lugar onde o sagrado se fez mais presente do que em qualquer outro. Lugar da partilha e da fração do pão, do vinho e das comidas consagradas pelo amor, pela generosidade e pela gratuidade

branças de uma vida de encontros e afetos.

A tradição *Maya* do cacau que tem o poder libertador dos sentimentos pelo degustar quase orgíaco dos seus achocolatados. Os negros trazem para a mulher os produtos *in natura*, que serão transformados pela alquimia ancestral de quem conhece os segredos e os mistérios da alma. Mas...o lobo travestido de cordeiro espreita pela janela, faz uma visita de cortesia, descobre a mulher livre no seu corpo e afeto, independente e afetuosa com todos e, sorrateiro, busca difamá-la na cidade. Para ele, sua filha é bastarda, ela usa sapatos vermelhos, não frequenta as missas dominicais, faz chocolates em plena quaresma e, sobretudo, não se submete aos seus controles imperiais. O monobloco aparente, como um calcanhar de Aquiles, é rompido e vem à tona o jogo do poder. Mas...este nós também conhecemos de tantos fatos recentes dentro das nossas instituições *sagradas*. Que os mortos continuem enterrando os seus mortos...

COMUNIDADE EM TORNO DO CHOCOLATE

Tanta diversidade cultural e religiosa abala o monopólio católico e nada cristão. O ano é 1959... A Igreja Católica Romana declarava no Congres-

so Eucarístico do Rio de Janeiro que eram três os inimigos da Igreja: o protestantismo, o espiritismo e a maçonaria. Nada mais coerente do que a perseguição e o aniquilamento do diferente.

A comunidade das mulheres se faz em torno do chocolate. Nela, a verdade de cada uma se desvela, sem medo nem rancores. A velha sábia reencontra o seu neto. Ele mesmo, proibido de vê-la, aprende a encontrar as brechas e, pelo afeto da avó e pelo prazer do chocolate, transgride a proibição, criando no seu desenho os traços da ternura perdida. A mulher seviciada descobre a sororeidade e aprende a encantar os outros ao criar os chocolates como os do *mamilos de Vênus*: seios oferecidos em abundância para serem sugados pelas crianças que não se perderam nas almas daquelas pessoas que se amavam entre olhares e pequenos gestos possíveis...

Novos tempos se avizinham para o mundo... quase Vaticano II, quase João XXIII. Tempos que vão desvelar que a vida cotidiana é fundamental para a espiritualidade e que espiritualidade nada tem a ver com certos hábitos de introspeção profunda até a alma. Espiritualidade é a própria vida, vivida e experimentada como uma realidade religiosa. Em outras palavras, que a religião não é uma emoção, mas uma atitude de serviço. Estas mulheres sabem disto, no mais profundo do seu ser, e por isso podem revelar o sagrado das pequenas coisas, o sacramento dos pequenos gestos feitos em oferendas e ofertas, ainda que sejam dos singelos chocolates.

Elas sabem, e por isso não se confinam nas paredes do templo, que a

vida espiritual não é outra coisa que calar, escutar e obedecer ao mais fundo do coração. É cumprir fielmente, desde o princípio até o fim, numa mística existencial, o que o Espírito nos sussurra de acordo com as circunstâncias da vida, minuto por minuto. E uma vez compreendidas as circunstâncias de cada momento da vida, obedecer fiel e honestamente à nossa consciência sincera e leal ao destino comum dos homens e mulheres. Romper o isolamento mentiroso de quem se pensa sozinho e sem necessidade do outro. De quem só pensa na sua realização *pessoal* e querendo ganhar a *sua vida* vai perdê-la no labirinto das pequenas emoções transitórias e sem raízes... É necessário ir além dos limites, por mais absurdo que pareça. Aprender a desenvolver uma capacidade pessoal, uma sutileza da graça para sentir a voz do Espírito na realidade, estando dentro-e-com-o-mundo.



Divulgação

FICHA TÉCNICA

EUA ANO DE PRODUÇÃO 2000 DIRETOR Lasse Hallström

ELENCO Juliette Binoche, Judi Dench, Johnny Depp, Alfred Molina, Hugh O'Connor, Lena Olin, Victoire Thivisol, Peter Stormare, Carrie-Anne Moss.

ROTEIRO Robert Nelson Jacobs, a partir de romance de Joanne Harris.

ESTÚDIO/PRODUTORA Miramax DISTRIBUIDORA Lumière CLASSIFICAÇÃO 12 anos

DURAÇÃO 122 min GÊNERO Romance

PROSCRITOS CHEGAM PARA A FESTA

Mas chegam pelos rios e em seus barcos os ciganos, esse povo nômade e peregrino que traz a alegria, a exuberância das cores, das danças, das crenças, da festa e da fantasia. O ódio do prefeito se extrapola. Tentara *converter* num bom católico o marido se-viciador e falhara. Quase escárnio na cidade, pois as pessoas transgrediam e provavam das doçuras do chocolate e se reconciliavam com suas vidas e afetos. Sua repressão estava reduzida ao limite dos olhos esbugalhados e azuis do franzino pároco da aldeia, já não tão convencido das *artimanhas de Satanás* que era obrigado a pregar nos seus sermões. E a quaresma corria,

preunciando o confronto da morte e da vida.

Os marcados pelo sinal da proscrição se reconhecem e caminham juntos. A mulher da arte do chocolate e o cigano; as suas comunidades em torno da mesa e da festa, preparam o jantar dos setenta anos da matriarca, ela mesma diabética e no final da sua trajetória, conquistando o direito de morrer da maneira mais digna possível: entre seus amores, alegrias e ternuras. A festa se inicia na casa da matriarca, em torno da mesa, lugar onde o sagrado se fez mais presente do que em qualquer outro. Lugar da partilha e da fração do pão, do vinho e das comidas consagradas pelo amor, pela generosidade e pela gratuidade. A festa não terá

sobremesa, pois a sobremesa serão os corpos dançantes de todos, no meio do rio, em cima dos barcos, onde todos dançam sem distinção de idades, religiões e raças. O grande banquete escatológico em que as diferenças são afirmadas no encontro único do amor, vivido numa medida "calcada, sacudida, transbordante, colocada no vosso colo" (Lucas 6.38).

E esta medida é colocada no colo da velha sábia que se reconcilia com sua vida ao entregar-se, ternamente, à sua passagem perto do seu neto e nos colos dos amantes à luz do fogo, protegidos pela tenda sob a luz das estrelas. O ódio se faz presente ao transbordar no coração do prefeito. O incêndio nos barcos é realizado pelo mari-

Nossa história humana profana é nossa história como seres humanos em relação com o Espírito, não importa o seu nome e qual cultura

do violento cuja conversão nunca foi verdadeira, enquanto o estéril conde corta com uma tesoura o vestido que sobrava da condessa vagante pelos canais de Veneza.

Os ciganos tudo perdem menos o desejo de continuar vivendo a sua vida livre e digna. A despedida se impõe...o rio da vida os chama. A mulher decide continuar a sua sina de peregrina dos chocolates para que as pessoas se libertem. Sua filha, num gesto impen-sado, quebra a urna que guardava a cinza de sua ancestral. A criança, sem o saber, recolhe o que sobrou das cinzas e se prepara para partir. Ao sair, o milagre pascal acontece: a comunidade que esteve reunida na festa, acrescenta da filha da anciã e do seu neto, assume a fábrica de chocolates e começa a aprender a fazê-los com a mulher proscrita. Ela pode, se quiser, continuar a sua sina, a comunidade assumiu o seu destino e o transformou numa comunhão de esperança e de liberdade. A cidade será salva pela festa e comunhão, pelos amores sem culpa e sem dissimulação e “a verdade será servida antes da sobremesa”.

COMO UM CRUCIFICADO À ESPERA DA RESSURREIÇÃO

O tresloucado prefeito prepara o sermão da páscoa para o jovem padre. Purga no seu isolamento a comida que não come e expulsa o marido, finalmente arrependido pelo incêndio criminoso que provocou. Mas... como suportar o pecador arrependido e salvo se, na sua alma corroída, o prefeito só encontra mentira, inveja e culpa? Num acesso de ira, expulsa e torna proscrito o arrependido. Caim para ele, mas Abel para o Espírito.

Num acesso de fúria, o prefeito pede ao Crucificado um sinal do que fazer para sair do desespero. Pega um abridor de cartas, entra furtivo na cozinha da chocolateria e começa a destruir os chocolates da vitrine. Corta as mãos, os seios, as coxas da Vênus de chocolate. Esfaqueia todas as conchas marinhas, símbolos dos ventres femininos que o rejeitaram. E o Crucificado, às vésperas da sua festa da Ressurreição, lhe faz cair uma gota de chocolate nos lábios. E a páscoa do prefeito se faz. Rompe a cruz da sua vida e encontra um túmulo vazio. Ele mesmo, após se fartar, sem medo, dos chocolates, dorme na vitrine em panos de ouro, como um crucificado à espera da ressurreição.

O padre o encontra pela manhã e a mulher cuida da sua ressaca achocolatada. Ele pede perdão pelo sermão que não fez e o padre diz que ele próprio falará com suas palavras, proclamando a ressurreição. O cigano volta, a mulher sente o vento soprando mas vai até a janela e espalha ao sabor do vento o que restara da sua ancestralidade. Outros assumirão o seu destino. O vento se acalma e se torna uma brisa suave em que o Espírito se desvela.

O padre do alto do seu púlpito declara que não falará da divindade do Cristo mas da sua humanidade. De como acolheu a todos, sem discriminar ninguém, com gestos de acolhida e tolerância. Todos eram, são e serão filhas e filhos do mesmo Espírito e a

ternura que os envolve vem da mesma raiz transcendente: a ternura.

A tranqüilidade invade a cidade. A festa colorida acontece na praça da igreja, de portas abertas com toda a comunidade dançando e cantando. Extramuros, no meio da vida, anunciando que *extra mundum nulla salus...* Nossa história humana profana é nossa história como seres humanos em relação com o Espírito, não importa o seu nome e qual cultura. Sempre será o Espírito da Alegria, da Ternura e da Liberdade.

No ano de 1959, o papa João XXIII anuncia aos cardeais o seu desejo de celebrar um Sínodo Diocesano em Roma e um Concílio Ecumênico, na Igreja do mundo inteiro. Tempos de humanidade... No dia 11 de outubro de 1962, no discurso de abertura do Concílio Vaticano II, João XXIII declarava: *A Igreja, no passado, sempre se opôs aos erros e os condenou com grande severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere recorrer ao remédio da misericórdia a usar as armas do castigo. Em face das necessidades atuais, julga mais conveniente elucidar melhor sua doutrina do que condenar os que dela se afastam.*

É o que eu digo e repito: Quem tem medo de chocolates? ☞

Paulo Cezar L. Botas, sacerdote católico e teólogo.

Banhos: instituição e sensibilidade

Tereza Cavalcanti

Esta leitura de um filme é suave, delicada ao jeito oriental. A Autora capta toda a sensibilidade da cultura chinesa como alguém que estivesse presente. E nos expõe um processo de desconstrução que é detido, em seu conteúdo central, pelo "cuidado" que atua como uma resistência aos não-valores supostamente melhores. O paralelo entre *Banhos* e *Central do Brasil* constitui a conclusão: do "mundo considerado periférico e arcaico, brota vida para o mundo pós-moderno"



Divulgação

FICHA TÉCNICA

China ANO DE PRODUÇÃO 1999 DIRETOR Zhang Yang
ROTEIRO Zhang Yang, Liu Fen Dou, Huo Xin DISTRIBUIDORA Imovision
CLASSIFICAÇÃO Livre DURAÇÃO 92 min GÊNERO Comédia

O filme *Banhos*, apresenta um tema original e um ritmo lento, que às vezes estranhamos, por estarmos habituados a uma vida acelerada e a um cinema de ação espetacular, inflada por efeitos especiais. O tema do banho enquanto arte e instituição muito antiga, dentro da cultura chinesa, é no mínimo curioso, exótico. Mas no seu bojo traz uma série de outros temas, especialmente o do relacionamento humano, comum a qualquer cultura, a qualquer época. Relacionamento na família, no trabalho, no lazer, na sociedade.

Três aspectos nos chamam a atenção neste filme:

- uma instituição em fase de desconstrução;
- uma família em crise e reconstrução;
- a presença do "cuidado" como um bem comunitário e recíproco.

UMA INSTITUIÇÃO EM FASE DE DESCONSTRUÇÃO

O ângulo ou a 'janela', através da qual a ação do filme se passa e o enredo se constrói, é uma microempresa familiar, que 'vende' a arte de banhar-se,

tanto individual como coletivamente. Isto, porque o banho pode ser uma arte. E para se realizar com beleza e proporcionar prazer, o banho precisa de uma certa organização, um mínimo de instituição. Da mesma forma, a cozinha, por exemplo, é uma arte e necessita de uma organização até bastante sofisticada para manifestar seus encantos. Afinal, será que há alguma forma de arte que não exija uma certa disciplina (que palavra incômoda!), um mínimo de método e, portanto, de organização? Não era isso que Erich Fromm tentava mostrar em *A arte de Amar*?

Não deixa de ser significativo o fato de que a primeira cena do filme mostre um jovem 'executivo' tomando banho num cubículo equipado com uma série de aparatos modernos, tecnologicamente sofisticados e adaptados sob medida para o corpo do usuário (este deve passar seu cartão eletrônico diante da porta do banheiro e digitar altura, peso, etc. antes de entrar). O aparelho de banho, com seus chuveiros, miniduchas, escovas e esponjas despeja seus jatos e gira suas franjas sobre o corpo do rapaz, com a eficiência de um lava-jato de automóveis.

Tudo isto contrasta com a cena seguinte, quando o mesmo rapaz entra numa casa tradicional de banhos em um bairro simples de Pequim. Ali homens de várias idades, mas sobretudo mais velhos, banham-se, recebem massagens e jogam (apostam em briga de grilos), todos se divertindo como crianças. Liu é o dono da casa de banhos e a administra juntamente com alguns poucos funcionários e com seu filho Erming, que apresenta problemas mentais e é considerado 'retardado'. O sistema é bastante artesanal: há uma caldeira de carvão para aquecer a água, duas piscinas simples, algumas duchas, mangueira; as massagens são as

O filme critica a sociedade ocidental por desperdiçar valores ancestrais e de grande sabedoria humana, colocando em seu lugar o artificial/tecnológico/automático e comercial

tradicionais, feitas diretamente com as mãos, e o máximo de tecnologia consiste na aplicação de copos com vácuo (produzido por uma chama de fogo) sobre as costas do cliente.

A situação da casa de banhos é um tanto precária, há várias goteiras, consertos por realizar, equipamentos gastos... Mas as pessoas são felizes, brincam muito, há um 'tenor de banheiro' que canta e irrita um dos funcionários, mas é protegido pela simpatia de Erming, que adora ouvi-lo. Dois jogadores de luta de grilos brigam e Liu intervém com muito jeito, massageando o mais agressivo e apartando a briga.

O filme mostra uma instituição tradicional, prestes a ser 'engolida' pelo avanço da urbanização e do progresso tecnológico, que vai tomando os espaços e se estabelecendo sem resistência aparente do povo chinês. Tal progresso é simbolizado pelo bem sucedido Deming, o jovem executivo da primeira cena, filho mais velho de Liu, que migrara para o norte do país em busca de trabalho. Casado, muito ocupado com seus próprios negócios, Deming só se lembra do pai e do irmão quando recebe um cartão enigmático de Erming, dando a impressão de que Liu morrera ou estava à morte. Agora, de volta à casa paterna, ele parece retomar contato, aos poucos, com o passado.

Na casa de banhos as relações co-

locadas em cena envolvem tanto os membros da família como os empregados e os clientes, sem uma separação estanque entre esses três grupos. Cada um exerce as diversas funções rotativamente conforme as necessidades. Um funcionário pode vir a ser cliente, e os clientes também dão palpites sobre o funcionamento da instituição. No momento necessário, o filho visitante veste o jaleco e assume a função de massagista. Tudo se passa com leveza e as relações parecem fluir sem 'engarrafamentos', contornando os obstáculos ou dificuldades com paciência, respeito, humor e criatividade.

No entanto, há um nível em que as decisões são tomadas de fora (pela instituição do Estado, o Governo) e contra as quais nada se pode fazer, uma vez que sequer as pessoas têm consciência de estarem sendo lesadas em algum direito. O decreto do fim da casa de banhos é aceito pela comunidade como algo 'natural' ou 'normal'. Neste sentido, o filme pode ser considerado uma tentativa de protesto, de fazer aparecer o 'não-saber' da sociedade chinesa, quando aceita sem questionar as mudanças introduzidas pela 'autoridade'. Do mesmo modo, nota-se um tom de protesto quando é apresentada a história da jovem escolhida para ser esposa de Liu. Ela teve que tomar banho conforme a tradição, na véspera do casamento, ainda que sua família tivesse que passar fome para obter a água necessária, numa terra castigada pela seca. Assim, a tradição foi mantida, reproduzindo os costumes culturais sem nenhuma adaptação aos novos contextos.

Por outro lado, o filme critica a sociedade ocidental, por desperdiçar valores ancestrais e de grande sabedoria humana, colocando em seu lugar o artificial/tecnológico/automático e comercial. Deming, que se identifica

com a cultura globalizada, tenta manter algo do velho enquadrando-o nas premissas do novo (cena inicial), mas fica um tanto ridículo tomar banho numa espécie de lava-jato. Depois esforça-se por dialogar, mas torna-se desajeitado, ao cometer a gafe de dar ao pai um presente que nada tem a ver com o mundo de Liu. O mundo deste é o de uma tradição milenar, da qual fazem parte, além do banho, a lealdade, a dedicação ao trabalho, o trato com as pessoas e com seu corpo, o respeito, a humildade... O filme ridiculariza a atuação do cliente jovem que louvava a modernização e planejava enriquecer com cinquenta carrocinhas de cachorro quente: cada vez mais endividado, teve que ser socorrido por Liu e Deming. Ao mesmo tempo, nota-se uma valorização de pequenas criações saborosas da cultura chinesa que poderão perder-se em meio à explosão do sistema de mercado e da globalização.

A cena em que o choque entre as duas culturas fica mais explicitado é aquela em que, num momento de aflição (Erming havia desaparecido, ao sair em companhia do irmão), Liu diz claramente a Deming: “Você não dá valor ao que eu faço, você não respeita o meu trabalho, nem me respeita. Para mim, você é um filho perdido. Será que vou perder os dois? Você não assume seu irmão, não gosta de nós... Por que não volta para o seu mundo?” Junto com o desmoronar da instituição tradicional do banho, parece desabar a família.

O filme coloca, portanto, a pergunta: será que a tradição chinesa dos banhos vai desaparecer? E as outras tradições e costumes? Se não, como sobreviverão dentro das novas estruturas? E, acabando ou não os banhos, a família sobreviverá? Que tipo de família? Como?

As mulheres, que no filme são apresentadas dentro da família enquanto tradição, estão mudas ou relacionadas com a morte. E aquelas que transgridem as regras ou movem-se no espaço público (antes exclusivo do masculino) transmitem vida, energia, festa e amor

UMA FAMÍLIA EM CRISE E RECONSTRUÇÃO

Em *Banhos*, Yang tematiza de forma central as relações familiares. Isto fica patente, de modo enfático, nas primeiras palavras pronunciadas no filme:

Erming, ao reconhecer e contemplar o rosto de Deming: *Irmão!*

Deming, após um tempo de silêncio: *Onde está o pai?*

Deming, dirigindo-se a Liu: *Pai!*

Segue-se o silêncio de Liu que mostra estar magoado porque Deming partiu para longe por muito tempo, sem mandar notícias. Quando Erming lhe traz o cartão que enviara a Deming, Liu percebe a razão da volta do filho mais velho. O que o deixa mais magoado ainda.

Porém, no desenrolar do filme, a convivência dos três vai se alongando e Deming vai reconstruindo sua relação com o pai e o irmão. Aos poucos, vai também pacientemente assumindo a casa de banhos. Ajuda o pai a consertar o telhado, paga a dívida do cliente caloteiro, substitui o pai no trabalho quando este adoece, oferece-lhe como presente um aparelho de massagem... Durante todo o tempo uma relação de grande ternura aparece entre os dois irmãos, entre Liu e Erming,

entre estes e os frequentadores do estabelecimento, e finalmente entre Deming e o pai.

Quando o pai morre, Erming faz um luto que passa pela negação, o desespero e o total desamparo. Deming, que nunca falara à sua mulher sobre seu irmão ‘retardado’, agora é obrigado a fazê-lo e propõe levá-lo para viver com eles. Ela desliga o telefone. Deming tenta internar Erming num hospício, mas volta atrás, percebendo o que significaria isso para o irmão. Mais uma vez o ‘executivo’ faz o caminho de volta. Então decide assumir o irmão, quaisquer que sejam as conseqüências. O filme dá a entender que os dois irmãos permanecem juntos, mas não se sabe se a esposa de Deming vai aceitar a nova situação. A nova concepção de família que surge fica em aberto, inacabada. E justamente quando vai entrar em cena uma mulher...

Se observarmos o filme sob o ângulo feminino, estranha-se a ausência da mulher no âmbito da família. Da esposa de Deming, não se conhece o nome, nem a imagem, nem mesmo a voz. Ela fica subentendida por trás das ligações do celular do marido. Quanto à esposa de Liu, só se conhece o triste relato de seu banho ritual na véspera do casamento. Outras mulheres que aparecem no filme: as alegres dançarinas na praça, a animadora do *show*, a mensageira que entrega o comunicado da demolição da casa de banhos. Todas estas estão no espaço público, fora da família. A avó e a neta que caminham em busca do lago gelado, símbolo do banho último e mortal, pertencem à lenda que vem à memória de Erming ao elaborar a morte do pai.

A única mulher que aparece no filme dentro do contexto familiar é a do funcionário que se irritava com o ‘tenor de banheiro’ e cortava-lhe a água

no meio do canto. Sinal de que não estava bem consigo mesma. Aqui vemos uma mulher decidida, disposta a lutar por seus direitos, ainda que fosse preciso transgredir algumas normas sociais. Conforme relatou o marido ‘ofendido’ numa conversa com Liu, sua esposa não hesitava em sair nua em público (ela também freqüentava uma casa de banhos, feminina), correndo atrás da ladra que lhe roubara o colar de ouro (presente dele). O marido considerou que com isto sua família fora desmoralizada e, a partir daí, não conseguia mais “olhá-la como sua mulher”. Aqui se percebe a ambivalência de sentimentos desse personagem, preso entre as regras culturais da sociedade e o amor a sua esposa. Insatisfeita e indignada, ela revida, escondendo as roupas do marido, com a cumplicidade de Erming. Diante da crise, Liu intervém e, após o expediente, convida o funcionário a entrar na piscina, onde ele lhe havia colocado “um remédio”. Sim, aqui é Liu que transgredir as regras, colocando dentro da casa de banhos masculina a mulher interpretada como “remédio”. E o casal se reconcilia.

De todo modo, a questão familiar central que o filme mostra gira em torno do pai e dos filhos/irmãos. Essa ausência da mulher parece indicar que o Diretor está querendo apontar para uma reconstrução da família a partir dos *homens*, talvez porque — pelo menos no Ocidente — eles tenham sido os mais ausentes no terreno familiar.

As mulheres, que no filme são apresentadas dentro da família enquanto tradição, estão mudas ou relacionadas com a morte. E aquelas que transgridem as regras ou movem-se no espaço público (antes exclusivo do masculino) transmitem vida, energia, festa e amor. O mundo moderno também tem sua contribuição...

A volta para as relações amorosas gratuitas e singelas. Como são as relações em um banho comunitário, em que as pessoas podem despir-se de todas as máscaras, além das roupas

A relação entre pai, filhos e irmãos permeia todo o filme. Pode-se dizer que simbolicamente Deming faz o caminho da volta para o pai e o seu mundo, do qual faz parte o irmão. A volta para as relações amorosas gratuitas e singelas. Como são as relações em um banho comunitário, em que as pessoas podem despir-se de todas as máscaras, além das roupas.

A PRESENÇA DO ‘CUIDADO’ COMO UM BEM COMUNITÁRIO E RECÍPROCO

Talvez a cena mais bela e significativa do filme seja aquela em que Liu entra na piscina com seu empregado em crise — naquele momento transformado em cliente — e busca conversar, oferecendo-lhe uma bebida. A bebida é servida numa garrafinha, entre dois copos, sobre uma pequena bandeja que bóia e desliza sobre a água. Cada um se serve e empurra a bandeja ao outro, sobre a superfície da água, como se fosse um barquinho em que a comunicação vai e vem entre os parceiros. Esta cena, de infinita delicadeza, me lembrou uma quadrinha que ouvi um jardineiro português recitar:

Toma lá esta laranja

Tira-lhe o que ela tem dentro.

Da casca faz um barquinho

E embarca o teu pensamento.

A comunicação se dá no contexto do ‘cuidado’. Leonardo Boff chamou

atenção para a importância de “saber cuidar”. A casa de banhos é uma entre infinitas outras possibilidades de prover o cuidado das pessoas. Ali a presença de Erming, o doente de quem todos cuidavam de alguma maneira, dá um colorido permanente de preocupação em não magoar, em agradar, proteger, brincar, curar... Ora, no cuidado, há uma reciprocidade: quem cuida se vê ao mesmo tempo cuidado, confortado. De fato, em *Banhos* o ‘retardado’ é quem mais sabe e quem conduz os outros a um comportamento humano. É ele que prevê a morte do pai, que traz o irmão para junto da família, que devolve a voz ao ‘tenor’ emudecido, que protesta diante da demolição da casa de banhos...

À GUIA DE CONCLUSÃO

Impossível não fazer uma relação entre os filmes *Banhos* e *Central do Brasil*. Ambos falam da busca do pai e da família. Em ambos a “família” não tem mais mãe, e o pai também desaparece: ficam só os irmãos, todos homens. Curiosa ausência da mulher! De todo modo, há uma nova concepção de família, no qual os papéis são assumidos livremente. Ambos os filmes falam de valores que estão em risco na sociedade globalizada e submetida às leis do mercado: a ternura, o lúdico, a gratuidade nas relações. Em ambos os filmes a carta ou o cartão tem uma importância fundamental como veículo de comunicação que mobiliza as pessoas. Os dois filmes colocam em evidência um mundo considerado periférico e arcaico, mas de onde brota vida para o mundo pós-moderno. Em ambos, a esperança vem dos ‘pequenos’, seja a criança, seja o doente mental.

☞

Tereza Cavalcanti, teóloga e escritora.

Neil Jordan e a liberdade do agir



O Autor faz uma análise séria do filme *Fim de caso*. A partir de um triângulo amoroso, o texto desmistifica a pequena moral burguesa eivada de culpa, remorso, má consciência, assim como a incompreensão utilitária de quem tudo quer e tudo pede. Uma promessa diante da possível morte do amante não é medo, é fé na vida. O amante odeia o Deus que respondeu à amante. "Afinal, por que tudo isso?" — diz Sarah, antes de morrer. "Trata-se, apenas, de amor!"

TRIÂNGULO: SARAH, HENRY, MAURICE

Fim de caso, filme de Neil Jordan, baseado em um romance de Graham Greene, nasceu clássico. Jordan lembra, quase inevitavelmente, a elegância de David Lean. Como Lean, ele une o grandioso e o delicado, o simples e o refinado, mostrando a riqueza de que é feito o espírito humano.

A história se passa em Londres, na segunda guerra mundial. Sarah (Julianne Moore) se apaixonou por Mau-

rice (Ralph Fiennes), amigo de seu marido Henry (Stephen Rea). Durante um encontro clandestino dos dois, a casa em que se encontravam é bombardeada. Sarah pensa que Maurice morreu. Embora não fosse religiosa, promete a Deus renunciar ao amante, caso um milagre o traga de volta à vida. Maurice não morre. Calando sobre a promessa feita, ela o abandona.

Dois anos depois, os ex-amigos se reencontram. Henry confia que suspeita de uma possível traição de Sarah. Maurice, atizado pelo ciúme e ainda magoado pelo abandono inexplicado, se oferece para espionar a ex-amante. No curso da investigação, descobre que não há traição alguma. Em contrapartida, tem acesso ao diário de Sarah e toma conhecimento do verdadeiro motivo de sua atitude enigmática.

Os amantes se reconciliam. Não por muito tempo, todavia. Henry recebe do médico a notícia de que sua mulher deve morrer em breve. Em face da situação dolorosa, convida Maurice a morar em sua casa e, juntos, cuidam de Sarah até a morte.

À primeira vista, nada além de um drama romântico. Jordan, no entanto, é mais que um cineasta competente; é homem fascinado pelo mistério dos destinos humanos. Assim como em filmes anteriores — *À procura do destino*, *Mona Lisa*, *Traídos pelo desejo*, e outros — o que lhe importa é refletir sobre a imprevisibilidade da vida e a irreversibilidade de nossas ações.

Sua questão, em resumo, é: o que

significa autonomia, liberdade ou felicidade, se nem somos determinados pelo passado nem obreiros de nosso futuro? Os personagens de Greene/Jordan encarnam essas dúvidas. São todos, mais ou menos, metáforas da alma em luta com o irreversível e o imprevisível.

O 'BURGUÊS HENRY': MORAL DO REBANHO

Henry, o burocrata racional, age apoiado, de modo cego, na tradição. Nela e só nela está a resposta para o problema do sentido da vida e da melhor forma de viver. Seu caráter não é bom nem mau, é trivial. Suas bússolas morais são os pequenos e breves hábitos cotidianos. Vida e convenção da vida, para ele, se confundem com as invioláveis leis morais da sobrevivência e do menor esforço.

Do conformismo e da lassidão, no entanto, emerge o imprevisível. O burguês Henry, por não saber ser outra coisa exceto 'burguês', aprendeu a fazer da paciência a maior virtude. Ele espera, espera e espera. Nem se entusiasmo nem se entedia, apenas segue em frente. Esse ritmo desesperadamente monótono é, porém, o que permite a Sarah cumprir a promessa feita.

Tudo ao redor desmorona, — esperanças, desejos e ideais — menos a estabilidade de Henry. Entre Deus e o amante está ele, aparentemente imóvel e desatento, em sua fidelidade obsessiva aos hábitos. Sem ele, entretanto, Sarah não poderia ir e voltar, hesitar e

decidir, testar sua força ou constatar sua fraqueza.

Com Henry sua vida parecia travada, sem Henry perde o prumo. Ele é tolerante, sem saber por quê; discreto, sem saber por quê; passivo sem saber por quê. Mas sem essa transigência quase reflexa, sem a inclinação de mente para ver o núcleo da vida como feito de 'fatos reais' e não de 'fantasias possíveis ou impossíveis', Maurice não poderia cuidar de Sarah e tornar seus últimos dias felizes. Por acreditar que a vida é o que é, Henry a observa de soslaio, prestes a presenciar o que acontece, sem pânico e com a dignidade decorada do *english way of life*.

Jordan, com o olhar inquieto e circular, desvela ângulos inusitados do que somos e fazemos. A grandeza pode se esconder na mesquinhez; a bondade, na insipidez mental. A inventividade humana está além do bem e do mal. A resignação pode conter a revolução, a tradição, a renovação. Henry é o homem comum, o sujeito do bom senso pasteurizado que, entretanto, soube ser decente, no momento em que foi chamado a escolher entre a represália e o perdão. Escolheu o segundo, sem justificativa suficiente para fazê-lo, mas com a força de quem confia no próprio impulso para realizar aquilo que, a princípio, era impensável.

Esse refrão ético se repete como pano de fundo nos filmes de Jordan. O grande 'pecado', no universo ético-estético do diretor, é não confiar no Outro e, portanto, não agir. Henry era uma caricatura da obediência às convenções. Sua moral era a moral do rebanho. No momento decisivo, entretanto, foi contra a corrente. Aceitou ter em casa o amante que lhe roubara a esposa, jogando para o alto convenções burguesas, amor próprio, despeito, desejo de revanche etc.



FICHA TÉCNICA

EUA/Inglaterra ANO DE PRODUÇÃO 1999 DIRETOR Neil Jordan
ELENCO Ralph Fiennes, Stephen Rea, Julianne Moore, James Bolam, Ian Hart
ROTEIRO Neil Jordan, baseado em livro de Graham Greene
DISTRIBUIDORA Columbia Pictures DURAÇÃO 109 min GÊNERO Romance

A coragem de agir, mostra Jordan, não tem, rigorosamente falando, precedentes! Não surge do provável, do possível que habita o passado em estado latente. Vem como algo inédito, estranho, que sempre surpreende os atores implicados em sua teia. Ela é a mola da vida, é o que permite a diversificação do existente e a abertura para novos horizontes éticos. Ao dizer "sim" a si próprio, Henry se redime do passado conformista e dá início ao imprevisto, ao que ninguém poderia supor que viesse a acontecer.

SARAH E O 'MILAGRE', CONVERSÃO

O mesmo pode ser dito de Sarah. Ao contrário de Henry, Sarah mostra uma confiança despreocupada em seus sentimentos. Ela é uma mulher de fé, que age à revelia das boas razões, acreditando na prodigalidade da vida. Até o momento do bombardeio, era uma

mulher descrente. Nada, em sua vida, apontava para o caminho da crença religiosa. Mas, assim como admitiu ter um caso amoroso extraconjugal, também admitiu renunciar ao amante, em nome do pacto selado com Deus. Recebeu o 'milagre' em sua vida como quem se curva ao que não entende, não por docilidade, mas por ser capaz de sentir, respeitar e admirar a expressão do maravilhoso.

A aparente fraqueza é, em verdade, poder de enfrentar o desconhecido e cumprir a promessa feita. Aqui, de novo, vemos Jordan encantado com a sinfonia polimorfa da mente humana. A mulher insatisfeita com o casamento, sequiosa para fruir da felicidade romântico-amorosa, de repente, se satisfaz em renunciar ao interesse afetivo-sexual.

A vontade, em toda sua potência, veio à tona, dobrando o utilitarismo dos interesses imediatos, no caso, a

sedução do prazer. Sarah não é 'masoquista', como a néscia cultura psicológica burguesa poderia diagnosticar. Ela não goza com o sofrimento, com a submissão ou com a humilhação do sacrifício exigida pelo Outro. Sequer se trata, em seu caso, de abrir mão do prazer sensual em troca do 'prazer narcísico ou espiritual', como insiste a tola vulgata psicologizante. Trata-se de algo mais inquietante, mais potente e mais honroso.

Ao renunciar a Maurice, Sarah obtém a satisfação de se saber artífice, em parte, do próprio destino. Não ao modo de um técnico que controla os meios e métodos exatos que levam do modelo imaginado ao produto acabado. Assim como um marceneiro, um cientista ou um artista que constrói algo, a partir de um protótipo existente. Ela se torna autônoma ao se apropriar das contingências da vida. Ao experimentar o poder de orientar, contra uma parte de si mesma, o sentido da vida que quer fazer seu.

Sarah abraça o destino com a consciência de que 'assim foi' não 'porque estava escrito' ou porque ela merecia ser castigada, mas porque assim quis. Não é a culpa, o remorso ou a má consciência que a mantêm atada à promessa feita. É a fé na vida, a convicção não-racional de haver feito o melhor, que assegura sua fidelidade à palavra dada. O que daí resulta é o que a vida pode dar, nem mais, nem menos.

Sua sensibilidade à contingência ilustra o que Henry James disse certa vez: "vida alguma jamais se frustra". A vida sempre se realiza. A presunção intelectual é que a torna 'deficitária', 'insuficiente', carente 'do que poderia ter sido!' Ora, esse 'a mais', que teria feito falta à vida, é, em última instância, o eco de uma vida alheia. À vida de cada um nada sobra ou falta! A liberdade, portanto, consiste em assumir

Maurice, em última instância, gostaria que a vida imitasse a arte...
A vida não imita a arte;
a arte é que imita a consciência cognitiva, ao criar cenários hipotéticos, nos quais a ação seria um efeito de coisas ou estados de coisas latentes.
A ação efetiva é livre

a vida edificada com acasos e necessidades encontrados e com escolhas buscadas. A liberdade não é o voluntarismo idealista do 'livre-arbítrio'; é poder agir sem garantia do resultado da ação, confiando na inteireza do que somos até o momento de agir. Ou corremos esse risco ou a vida perde a grandeza, o atrativo e a razão de ser.

O amor ao que somos, essa espécie de *amor fati* (aceitação do destino) nietzscheano, parece estar plantado no mais fundo estrato das histórias de Jordan. Nem Sarah nem Henry se envergonham do que são ou se queixam das escolhas feitas. Por isso, são personagens densos, intensos, profundos, mas não melodramáticos. Em momento algum, lamentam o que viveram; em momento algum pretendem revogar o passado ou evocá-lo para gozar com as próprias misérias.

MAURICE: TO BE IS TO BE PERCEIVED

Não é à toa, portanto, que o personagem mais controvertido do filme é Maurice. Maurice é o artista para quem a vida é uma ficção de qualidade, por assim dizer, inferior. O mundo real, diferente dos enredos romancescos, é brutal, grosseiro e sem-sentido.

Não por ser mais ambíguo e contraditório que o universo ficcional, mas, justamente, por ser mais enxuto e econômico na forma de aparecer à consciência intelectual.

Se Sarah não era religiosa, pensa Maurice, como pode ter-se comprometido com um Deus no qual não acreditava? O que o desnorteia não é a volubilidade da alma humana, mas a simplicidade dos móveis que nos levam a agir. Sua análise do acontecimento é uma tentativa de esclarecer, pela lógica, a insensatez da vida. Em primeiro lugar, repete ele no filme, *to be is to be perceived*. Onde, acreditar no extraperceptível é loucura ou má fé. Como alguém racional pode renunciar à felicidade romântica, por ter contraído uma dívida com Deus? A felicidade romântica é sensível, visível, por conseguinte, algo em que se pode acreditar, que se pode lutar para obter ou querer guardar, quando alcançada. A crença em Deus, pelo contrário, é inefável, portanto, estúpida, desnecessária e inoportuna.

Em segundo lugar, se Sarah realmente foi levada a crer em Deus por um milagre, a responsabilidade por sua insensatez é de Deus! Para Maurice, se Deus é o que seus fiéis dizem ser, jamais poderia ter agido de forma contrária à razão. Se assim agiu, é por incompetência, incongruência ou malignidade.

Maurice, então, passa a odiar o Deus que conduz vidas humanas a sofrimentos tão atrozes. No início de seu diário, anuncia, de pronto, sua intenção original. O diário, diz ele, é um "diário de ódio" a Deus. Um diário de ódio ao Ser que o privou de Sarah, por um milagre malévolos no qual os amantes tinham que optar entre o amor e a vida! Seu rancor contra a sorte, contra a incoseqüência de Sarah, se desloca do gesto para a cau-

sa do gesto; do ato para o propósito que o fez existir.

Maurice, em última instância, gostaria que a vida imitasse a arte. Na arte, os móveis das ações são sempre explícitos, mesmo ao se apresentarem como complexos, inéditos ou sem fronteiras emocionais precisas. Na vida, porém, as razões para agir não seguem esse esquema domingueiro, essa explicação que pára a vida no tempo para poder explicá-la. Na vida, primeiro agimos, depois entendemos os porquês da ação. Os motivos da ação são sempre retrospectivos, sempre sucedem o já acontecido. É porque houve a ação que criamos motivos, e não o inverso. Os motivos, entretanto, não estão lá, como estados virtuais à espera de um impulso externo que os force a se tornarem eventos reais e manifestos. Motivo é tudo que torna inteligível, *a posteriori*, o que, na realidade, já ocorreu!

A vida não imita a arte; a arte é que imita a consciência cognitiva, ao criar cenários hipotéticos, nos quais a ação seria um efeito de coisas ou estados de coisas latentes. A ação efetiva é livre. Sua única ‘determinação’ é a história integral, a totalidade vivida do indivíduo. Causas e razões do agir nada mais são que a vontade de liberdade captada em um momento da consciência. O empenho em explicar a gênese da ação é uma função das exigências da eficácia pragmática.

No entanto, se os fundamentos racionais da ação são uma imposição do pragmatismo corrente, isso não significa que a lógica antecipe a vida ou revele sua ‘verdade’ oculta. A certeza de “por que agimos”, como a coruja de Minerva, só chega ao cair da tarde. É o ‘faça-se’, o *fiat* da ação que nos impele a recriar a vida. Maurice é a figura exemplar da razão que pretende ser parteira daquilo que, na verda-

de, é sua matriz. Explicamos e compreendemos porque experimentamos e fazemos. A justificação racional é filha da ação. A vontade e a ação são um salto no escuro, a luz da razão vem em seguida, para iluminar ou ofuscar a liberdade do agir.

Maurice, tomado pela soberba artística, não se contentava em coadjuvar a invenção da vida; queria torná-la uma criatura subalterna ao espírito criador. O resultado dessa ambição medrosa e desmedida é o sentimento de impotência. Se não podemos prever tudo, pensa ele, nada podemos prever e, portanto, somos impotentes. Da impotência ao ressentimento o passo é curto. Maurice escolheu essa direção, que está na raiz de seu ódio a Deus.

Deus, no entender de Maurice, foi o verdadeiro motor da atitude de Sarah. Mas essa é, por excelência, a moral do ressentimento. O indivíduo ressentido está sempre disposto a imputar ao Outro, supostamente onipotente, despótico e opressivo, o poder de fazê-lo sofrer, obrigando-o a agir contra sua própria vontade. Mas não houve vontade coagida, em se tratando de Sarah. Houve desejo contrariado, o que é bem diferente de amputação ou inibição da vontade! Sarah quis e pôde cumprir o que havia prometido, não obstante o sofrimento da renúncia a Maurice. Podemos agir contra nossos impulsos e desejos, sem, por isso, abrir mão de nossa vontade de poder.

O FIM DE UM CASO

Fim de caso, título do romance e do filme, alude, assim, ao desfecho da história de Maurice e Sarah, mas, sobretudo, ao ‘fim do caso’ entre Maurice e Deus. Maurice, desesperado por não entender a vida como uma ‘instanciação’ de ordens lógicas, termina o diário abdicando do ódio a Deus. Seu

fracasso em compreender o que se passou, leva-o a pedir uma trégua que, é ao mesmo tempo, rendição. Se não posso *entendê-lo*, diz ele, então “me deixe em paz!” É a confissão do desamparo da razão diante da potência do agir.

Sarah, ao contrário, notando a hostilidade de Maurice em relação a Deus, pouco antes de morrer diz: “Afim, por que tudo isso? Trata-se, apenas, de amor!” Amar a Deus significou, para ela, aderir a um tipo de amor desconhecido, ininteligível e poderoso. Nesse amor, a relação com o Outro não era mais a reprodução de condutas utilitárias, era a abertura para a pluralidade de que somos feitos, pelo exercício de nossa vontade.

Jordan, como todo grande artista, não encerra o filme com um ponto final. Deixa em aberto a questão do que fazer diante do que não entendemos e, no entanto, nos leva a experimentar a plena potência de vida. Em outras palavras, a prudência consiste em ‘predizer’ o novo para instrumentalizá-lo ou em reconhecê-lo, anunciá-lo, mesmo correndo o risco de errar e recommear, novamente, a tentar outro ‘novo início’?

Nietzsche, Bergson, Hannah Arendt, Winnicott, Rank e tantos outros não hesitariam em optar pela última saída. Quanto aos cristãos, o que foi o Evangelho senão a ruptura com o antigo, a emergência de uma Boa-Nova, para alguns, escandalosa e mesmo violenta? A cada um a decisão de querer ser profeta de si mesmo ou querer apostar em uma ética da ação que, sem cessar, visa ao Outro em sua infinita novidade. ☞

Jurandir Freire Costa, psicanalista e escritor.

Visões do Nordeste

Carlos Eduardo M. Fialho

Dois filmes voltados para o Nordeste e suas expressões culturais. Personagens são vidas que se cruzam nas vilas e na caatinga. Dois tipos-síntese das histórias nordestinas estão presentes em ambos: padre Cícero e Lampião, bem e mal, santidade e macheza. Num filme, as pinceladas são nacionalistas, noutro, globalizadas

O Nordeste é uma região que pode ser confundida com a cara econômica e social do Brasil, além de ter um grande apelo no quadro cultural nacional. De um lado a opulência das grandes fortunas, grandes projetos de desenvolvimento de pólos industriais tradicionais e modernos (recentemente descobertos pelo turismo) e, de outro, a seca, a miséria, a falta do que comer, o analfabetismo, a doença, a prostituição infantil e vamos por aí afora. Nas regiões de turismo o homem local, em sua grande maioria, ocupa um lugar marginal no conjunto dos investimentos realizados pelos grandes capitais. Em grande parte, o homem do lugar não é patrão tampouco empregado qualificado. A experiência tem demonstrado que para ele restam as ocupações subalternas ou a representação, em pantomima, da cultura local, como reminiscência do folclore local.

Assim como hoje, nas quatro primeiras décadas do século passado, a concentração de terras nas mãos de políticos e coronéis, o monopólio da utilização das águas, a exploração e a exclusão social geraram inúmeras revoltas populares e a formação de bandos de justiceiros, chamados de cangaceiros. Estes nada mais eram do que levas de excluídos que viam no banditismo a forma de luta pela sobrevivência aliada ao discurso de luta contra as injustiças cometidas pelo poder local.

O CANGAÇO EM DOIS FILMES

É para falar do que permaneceu e se transformou na sociedade e cultura do Nordeste, na segunda metade do século XX, no intervalo de tempo marcado pelo nacionalismo da década de 1950 e a globalização da década de 1990, que analiso dois filmes cuja temática é o cangaço.

O primeiro data do ciclo do cinema brasileiro chamado de ciclo de cangaço e início do Cinema Novo: *O cangaceiro* (1953) de Lima Barreto, em que a cultura popular e local é o fio condutor do enredo e o homem do povo, o protagonista da trama. O nacionalismo é um elemento forte no discurso fílmico, presente de 1950 a 1960.

O segundo filme analisado é *O baile perfumado* (1996), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira, que apresenta a cultura local como o elemento da narrativa fílmica e os tipos populares como os personagens centrais da trama. No entanto não se percebe qualquer preocupação dos realizadores com o discurso nacionalista. O filme reflete a globalização que se impõe na década de 1990. A cultura local dialoga com elementos globais, contrapondo elementos da cultura popular nordestina a outros que ultrapassam o universo cultural local.

POR QUE FALAR DE CINEMA?

A utilização do filme como fonte, em que se verificam as permanências e as

transformações da cultura local no conflito entre o nacional e o global, se justifica pela idéia defendida por Morin de que o cinema foi o meio que estruturou a cultura de massa. Com o cinema *o público viu a possibilidade de experimentar, adotar novos hábitos e ver reiterados (e dramatizados com as vozes que gostaria de ter e ouvir) códigos e costumes. Não se ia ao cinema para sonhar; ia-se para aprender (...) o cinema vai ligar-se à fome das massas por se fazerem visíveis socialmente. E vai se inscrever nesse movimento dando imagem e voz à identidade nacional*, segundo Jesús Martin-Barbero.

Além de projetar na tela os desejos e utopias dos indivíduos o filme narra um momento histórico, exhibe as condições de existência e as fantasias de uma determinada sociedade, discursa sobre um lugar que revela as condições culturais e ideológicas de sua realização como obra de arte e produto de uma indústria. Vamos aos filmes, para ver como isso acontece.

CULTURA LOCAL E HEROÍSMO

O Cangaceiro foi realizado em 1953, em preto e branco, pela Cinematográfica Vera Cruz e a Columbia Pictures e dirigido por Lima Barreto. O filme conta a história do cangaceiro Capitão Galdino, inspirado em Lampião, cruel, déspota e capaz de cometer todo tipo de atrocidades sem o menor arrependimento. O Capitão Galdino é implacável com os capangas de seu bando, da mesma maneira que é capaz de roubar um padre, perseguir e matar um “macaco” ou qualquer pessoa que ele julgue necessário punir. É um chefe de bando que arrasta um homem no chão, puxado por um cavalo, até a morte para poder arrancar dele uma informação e, momentos depois, chega a roubar o cavalo da carroça do padre, no meio da caatinga, e deixá-lo a pé de baixo do sol e sem água.

Contrastando com a crueldade do Capitão Galdino temos o seu tenente, Teodoro, um tipo que fisicamente difere das figuras rudes dos cangaceiros do bando, humano e capaz de demonstrar sentimentos nobres. Teodoro se apaixona por uma professora (Olívia) seqüestrada pelo Capitão Galdino e como não consegue convencer o capitão a libertá-la, elabora um plano de fuga e pessoalmente acaba por conduzi-la de volta ao seu povoado. Teodoro é perseguido e morto pelo Capitão Galdino, com vários tiros pelas costas, durante a fuga com a professora. Mas consegue, antes de ser alcançado pelo bando, salvar a vida de Olívia, num gesto suicida, depois de lhe ter declarado seu amor.

Teodoro é um homem bom, atento às crueldades cometidas pelos cangaceiros. Foi educado pelos padres, é gentil na forma de falar e capaz de sentir amor e compaixão por uma mulher injustamente seqüestrada. O Capitão Galdino é o seu oposto. Incapaz de qualquer gesto nobre, dedica todo o tempo a combater todos os civis e militares que se colocavam na sua frente. Mal distingue um padre de um soldado das volantes, é capaz de atacar os povoados humildes sem poupar as pessoas mais pobres. Mandou o seu bando executar seu ajudante pelas costas, acusando-o de traição, quando Teodoro havia proposto a luta de punhal entre os dois, como forma de acertar as diferenças. É no contraste entre estes dois personagens do cangaço que o diretor Lima Barreto expõe sua visão romântica e heróica do cangaceiro ou, se quisermos ir mais longe, dos personagens que representam a cultura popular e a cultura local nordestina.

O diretor de *O cangaceiro* transformou um fenômeno social, que marcou o Nordeste brasileiro no século XVIII, até a primeira metade do século XX, em símbolos do folclore local reve-

Era importante que nem todo cangaceiro fosse um mau sujeito e que, em meio à luta e à necessidade de vingança, houvesse momentos de lirismo, de reafirmação do homem com laços sociais

ladores do lado romântico e heróico do homem ligado às suas raízes populares. Esta é a função do personagem do cangaceiro Teodoro, ressaltada quando ele afirma que é incapaz de deixar o sertão e o cangaço, no mesmo instante em que revelou seu amor pela professora.

ROMANTISMO, RELIGIÃO E VIOLÊNCIA

O filme de Lima Barreto é marcado por uma infinidade de elementos do regionalismo nordestino do cangaço. Entre eles os mais evidentes são a música que pontua na forma de toda o movimento dos cangaceiros em bando, quando a melodia de “olé, mulé rendera, olé mulé rendá” conduz as cenas no ritmo lento do tempo e do movimento do sertão, opondo esses momentos de harmonia de movimentos e lentidão à imagem do cangaceiro em ação, ágil, saqueando, invadindo as vilas e lutando contra as volantes na caatinga. Outro elemento importante do regionalismo nordestino é representado pelo papel da Igreja Católica. Quando o padre se encontra com o Capitão Galdino há por um momento um gesto coletivo de respeito, o bando fica por alguns minutos imóvel ouvindo um ‘sermão’ a ressaltar a importância da bondade como um ato que agrada a Deus. A idolatria dos homens do bando e do próprio Capitão Galdino é revelada no respeito demonstrado



Divulgação

FICHA TÉCNICA BAILE PERFUMADO

Brasil ANO DE PRODUÇÃO 1997 DIRETORES Paulo Caldas e Lirio Ferreira
 ELENCO Duda Mamberti, Luís Carlos Vasconcelos, Chico Diaz, Cláudio Mamberti,
 Jofre Soares, Aramis Trindade PRODUÇÃO Claudio Assis ROTEIRO Lirio Ferreira,
 Paulo Caldas, Hilton Lacerda DURAÇÃO 93 min GÊNERO Aventura



Divulgação

FICHA TÉCNICA O CANGACEIRO

Brasil ANO DE PRODUÇÃO 1953 DIRETOR Lima Barreto
 ELENCO Alberto Ruschel, Marisa Prado, Milton Ribeiro, Vanja Orico, Ricardo
 Campos, Galileu Garcia, João Batista Giotto PRODUÇÃO Aníbal Massaini Netto
 ROTEIRO Lima Barreto ESTÚDIO/PRODUTORA Vera Cruz DISTRIBUIDORA Columbia
 Pictures DURAÇÃO 105 min GÊNERO Drama COR P&B

por eles durante a fala do padre e a condenação do cangaço. No entanto, terminada a fala, o chefe dos cangaceiros não poderia negar sua natureza de homem cruel e rouba o cavalo da carroça que conduzia o padre e seu ajudante.

Assim o filme de Lima Barreto avança deixando indícios da cultura

nordestina na figura dos coronéis, do homem do povo, do papel do Estado no combate ao cangaço. São todos elementos que revelam uma forma de construção do nacional e do local, deixando pouco espaço para a percepção de elementos exteriores à realidade cultural do Nordeste da primeira metade do século XX.

A religiosidade é mostrada no momento em que as pessoas choram a morte de padre Cícero, o maior símbolo da crença local. A imagem tem um significado forte além do círculo restrito das beatas e religiosas do sertão

O filme é de 1953, de uma época em que o Brasil procurava afirmar sua identidade por intermédio de políticas nacionalistas. O cangaceiro também era um símbolo nacional, particularmente do Nordeste, e era importante que nem todo cangaceiro fosse um mau sujeito e que, em meio à luta e à necessidade de vingança, houvesse momentos de lirismo, de reafirmação do homem com laços sociais, ligado ao ambiente natural, como nas clássicas cenas do bando caminhando contra o céu da caatinga, onde é ressaltada a silhueta do homem, do cavalo e do bando como uma única coisa, contínua.

COMÉRCIO, FAMA E CONSUMO

Se *O cangaceiro* nos convida a entrar na cultura nordestina pela porteira da fazenda, *O baile perfumado* usa o portal da Internet para fazer a mesma coisa. O filme é de 1996 e mostra aspectos do cotidiano do bando de Lampião e Maria Bonita. Quem narra não é um personagem local, um nordestino, coronel ou vaqueiro, é um fotógrafo libanês que, antes de querer apenas registrar o bando como um documento revelador da luta do cangaço, pretende colocá-lo na mídia, divulgar o material nos jornais e exibir os filmes para o público, onde for possível.

O grande mudança não se dá no plano dos símbolos que representam o Nordeste brasileiro e a sua compreensão em dois momentos distintos de nossa história, mas na estética filmica

O libanês Benjamin Abrahão de fato existiu, chegou até Lampião com uma carta de apresentação do padre Cícero, e a sua luta não era travada contra a injustiça social e os poderosos, nem contra a seca e a falta de comida no sertão, mas para conseguir as verbas e os equipamentos necessários para a filmagem do bando de Lampião. O interesse do fotógrafo e aventureiro Abrahão era comercial, sua intenção era mostrar ao público o cangaceiro mais famoso do País e seu bando; lançá-lo nos veículos de comunicação de massa. Não havia da parte do libanês qualquer ligação cultural profunda com o Nordeste, apesar de sua proximidade com o padre Cícero. O projeto de filmar e fotografar Lampião e os cangaceiros expunha ao mundo, para além das fronteiras da cultura local, um dos elementos mais marcantes da expressão do regionalismo. Curiosamente foi esta exposição que facilitou a captura do bando e a morte de Lampião e Maria Bonita.

Como expressão cultural do Nordeste o filme de Lírio Ferreira e Paulo Caldas desfila os tipos comuns a todos os filmes de cangaço. O coronel, dono de terras e dinheiro, os políticos locais, os militares das volantes, o sertanejo e o homem do povo, além do padre transformado em mito e milagreiro que em *O baile perfumado* é o maior ídolo religioso do Nordeste, o padre Cícero. Não faltam os elemen-

tos de identificação da cultura e da sociedade nordestina.

Começemos pela música, assim como foi feito com *O cangaceiro*. A música que pontua a abertura e a narrativa do *baile perfumado* é de Chico Science e Fred Zero Quatro com as batidas fortes e vertiginosas do estilo *Mangue Beat*. O movimento mangue procura unir as raízes nordestinas de Pernambuco com a música pop internacional. O manifesto do movimento preconizava a criação de um circuito energético, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. A cultura nordestina está presente na sua forma menos atraente, com o mangue “com sua lama suja e fedorenta” e ao mesmo tempo internalizada com a influência dos *punks* e do *rap*. Assim como as imagens da caatinga e do sertão, veicula-se o Nordeste menos paradisíaco.

A religiosidade também está presente como representação da cultura local em *O baile perfumado*. Mas desta vez não aparece na figura de um pároco anônimo, caminhando pelo sertão, fazendo um discurso sobre a ética e a moral cristã para um cangaceiro apressado e de passagem. A religiosidade é mostrada no momento em que as pessoas choram a morte do padre Cícero, o maior símbolo da credence local. A imagem tem um significado forte muito além do círculo restrito das beatas e religiosas do sertão. O significado do padre Cícero como religioso e milagreiro é compreendido e aceito no País e conhecido no exterior. A cultura local assume as proporções de objeto de consumo global.

Na breve análise destes dois filmes é possível ressaltar a permanência de relações sociais e elementos da cultura local nordestina que se mantêm não apenas como personagens e manifestações folclóricas do Nordeste, mas que ainda hoje servem como elemen-

tos de compreensão e interpretação de uma realidade sociocultural. *O cangaceiro* utiliza a estética do personagem herói e romântico, o que de certa forma aponta na direção da esperança no homem e na existência de uma ética de comportamento aceita e louvada pelo ideal do homem bom, representado pelo personagem do Teodoro. No *O baile perfumado* permanecem os elementos culturais e os tipos sociais que nos permitem ainda hoje identificar a região, mas desaparece a ética de comportamento de oposição entre o bem e o mal. O fotógrafo Benjamin Abrahão tem interesse na mídia e no mercado, o coronel em se manter anônimo e não se ver ameaçado pelas forças policiais pelo fato de dar proteção aos cangaceiros, e o próprio Lampião se apresenta como um consumidor de gosto requintado, que usa perfume francês e bebe uísque escocês.

Num mundo globalizado a resistência da cultura local não se apresenta como um gesto heróico de conflito e rejeição com o que é de fora. Analisando a narrativa destes dois filmes sobre o cangaço, podemos observar que a grande mudança não se dá no plano dos símbolos que representam o Nordeste brasileiro e a sua compreensão em dois momentos distintos de nossa história, mas na estética fílmica, pela qual o filme mais recente reflete a hibridização cultural na sua forma de narrar a história. 

Carlos Eduardo M. Fialho, sociólogo e doutorando em Comunicação Social.



William J. Sewall

O filme de que eu gosto

Ivone Gebara

Há os filmes olhados e não vistos; os procurados e os ocasionais; os prazerosos e os insossos; os filmes-arte; os filmes-paixão; os filmes-apelo. A Autora diz gostar de filmes em que desfilem pedaços de histórias dela e nossas

O filme de que eu gosto se parece em parte comigo. Vejo o filme e nele vejo partes de minha vida ou perguntas para minha vida ou até alguns ensaios de resposta. Vejo o filme e saio do cinema conversando comigo mesma sobre situações, perguntas, cenas como se o filme tivesse sido ou um agradável encontro com alguém a quem quero bem ou um encontro que me faz pensar. Muitas vezes algumas cenas voltam à minha memória como se passassem outra vez em mim, agora num circuito estritamente pessoal, selecionando falas, imagens, paisagens, sons. Sinto-me questionada, espantada, estranha, alegre, triste, irada dependendo da profundidade de minhas sensações. Às vezes essas sensações me habitam durante dias e outras vezes são momentâneas.

O filme de que eu gosto retrata nos personagens ou nas situações, coisas acontecidas ou pensadas ou mesmo coisas obscuras de minha vida ou de nossa história. Pode ser um filme que retrate uma época, um romance, uma comédia, um drama, um desenho animado. Gosto do filme que provoca em mim alguma sensação forte; do filme que me faz pensar, que toca meus sentimentos, que desperta lembranças, que me faz sentir uma indefinida saudade. Gosto das situações que provocam meu riso, minhas lágrimas e meus porquês. Gosto dos filmes que me ensinam coisas sobre a vida humana e seus enigmas.

O GOSTO DE VER E DE VER-SE

Os filmes mais premiados são às vezes os filmes que foram capazes de

tocar os sentimentos de um maior número de pessoas por diferentes razões. Entretanto, o desempenho dos artistas pode ser extraordinário, mas, se o tema não tocar a 'alma' do espectador, não faz sucesso. Outras vezes há filmes ou documentários que não foram premiados oficialmente e, no entanto, parecem ter sido particularmente apreciados e 'premiados' por uma pessoa ou por um pequeno grupo de pessoas. E isto porque parecem retratar algo de suas vidas. Parecem expressar suas perguntas ou seus sonhos de esperança. Lembro-me de alguns documentários produzidos por SOS Corpo, uma entidade feminista de Recife em torno da vida de mulheres do meio rural. Quando as mulheres se viam na tela eram tomadas de grande emoção e diziam que este era o melhor filme que tinham visto.

Os filmes se ligam não apenas à subjetividade do diretor ou ao desempenho dos artistas, mas à subjetividade do espectador. As histórias de certa forma se misturam, embora cada uma conserve sua própria autonomia. A teia das relações humanas é continuamente tecida por fios visíveis e invisíveis provindos de origens diferentes. As subjetividades se encontram no 'filme-arte' porque assim vivem no cotidiano da vida. O filme é de certa forma um espelho da vida humana, isto é, um reflexo artístico do mundo humano com suas contradições, belezas e ambigüidades.

O filme de que eu gosto se parece com o livro que aprecio, com os quadros que admiro, com as pessoas com as quais partilho as coisas importantes da vida. Reflito nos outros, nas

outras, nas coisas um pouco de mim mesma. Não se trata de Narciso amando sua própria imagem como se ela fosse única. Mas é Narciso talvez reconhecendo, entre as múltiplas imagens, aquelas com as quais ele pode se parecer mais, com as quais ele pode abrir uma conversa frutuosa e agradável.

Há filmes a que a gente assiste por falta de opção melhor. A gente sai do cinema sem sentir nada de diferente. As imagens parecem se esvanecer imediatamente. Foi apenas um pobre passatempo. Não nutrem, não interrogam, não suscitam reações especiais. Às vezes a gente decide ficar porque quer ver o final. O mesmo acontece com certos livros que a gente lê porque não tem outros disponíveis naquele momento. A gente lê, mas pensa em outras coisas. A gente lê, mas não é tomado pela leitura. Não vibra, não mantém a chama da curiosidade acesa e fumegante. Não há suspense e nem originalidade na abordagem dos problemas. Não há paixão.

Quantas vezes me vi em situações de ter terminado de ler meu livro (romance) companheiro de viagem e alguém me passa outro ou outros. Muitas vezes não consigo nem entrar na trama. Sinto-me resistindo ao livro. Outras vezes entro, mas não sinto nenhum gozo na leitura. Acabo esquecendo rápido o título e até o nome do autor ou da autora.

TEOLOGIA, PREGAÇÕES, CELEBRAÇÕES

As teologias são também como os filmes e os livros. Entramos nelas às vezes com prazer. É como se a fala teo-

O filme de que eu gosto tem que ter pedaços de minha história, de nossa história. A celebração da qual participo tem que ter o gosto da festa que tem significado em minha vida, em nossas vidas. Muitas vezes sinto-me carente de bons filmes, de bons livros, de boas celebrações

lógica coincidissem com o sentido que escolhi e assumi para minha vida. É como se o autor fosse capaz de dizer o que sinto e formulasse meu pensamento melhor do que eu mesma. É como se a cada parágrafo lido houvesse em mim uma ressonância ou uma confirmação, ou um reconhecimento, ou uma arrumação das coisas que pareciam desarrumadas em minha cabeça. Uma fala ou um texto teológico podem ser extremamente apaixonantes e provocadores de paixão. Podem ser consoladores e até instigar a uma luta por justiça. Podem abrir espaços de reflexão em vista do sentido de nossa existência. Podem enfim, marcar vidas e nutri-las como um alimento agradável ao paladar.

Entretanto, há teologias monótonas, repetitivas, distantes, com gosto de coisa sempre requentada. Há pregações que se inspiram nessas teologias que têm a mesma estrutura e o mesmo sabor insosso. Não estou segura do que sente o pregador com seu discurso sem sabor. Fico apenas achando que uma boa comida deveria agradar e alimentar também a quem a cozinhou.

Muitas vezes me pergunto como o nosso povo agüenta as pregações reli-



gias repetitivas, moralizantes e alienantes. Pregações que a gente já sabe como vão terminar desde as primeiras palavras do pregador. É como em certos filmes nos quais de antemão a gente já conhece o final.

Percebo cada vez mais que a grande maioria das pessoas não vai para as celebrações ou para as missas ou para os cultos para ouvir os pregadores. O 'filme' que é passado muitas vezes interessa pouco. A 'teologia' ensinada não é aprendida nem entendida. Eles vão carregando as suas próprias necessidades e tentam dar respostas a elas de diferentes maneiras. São habitados por outras teologias sem espaço nem expressão nos cinemas oficiais das igrejas.

PEDAÇOS DE MIM, DE NÓS

Para muitas pessoas simplesmente estar lá numa igreja é um momento importante. Há uma espécie de parêntese que acontece em relação às monotonias ou aos cansaços da vida cotidiana. Há igualmente a necessidade de momentos e de espaços para além dos habituais em que a gente se sente vivendo algo diferente. Muitas vezes, porém, a gente está lá só para encontrar conhecidos, vizinhos e amigos. A

gente se olha, se sorri, ensaia uma conversa rápida com a vizinha de banco, um sussurro para não atrapalhar os demais. A gente se distrai com uma criança brincando, com o casal de namorados que discretamente se acariciam ou com a velha que balança a cabeça para a frente e para trás, cochilando embalada pela voz do pregador. A maioria das pessoas não foi ver o 'filme' que 'estava passando'. Foi levar seu filme e distrair-se com os pequenos sinais dos filmes alheios. Foi quebrar a monotonia da casa, do trabalho, das preocupações diárias. Sai da 'sessão religiosa' incapaz de dizer o que ouviu, mas capaz de dizer quem viu.

Mas, é claro que esta razão tão pouco religiosa não é explicitada. Todas as pessoas foram cumprir o preceito, foram rezar, foram prestar culto a Deus. As razões objetivas se sustentam sem dúvida. Quem sou eu para julgar os corações? Mas, as razões subjetivas muitas vezes são tão claras que se impõem às objetivas.

Falo das razões alheias porque muitas vezes as leio em mim mesma. Falo dos outros para falar também de mim. Algumas vezes a contragosto, outras vezes pela saudade do tempo das bonitas celebrações, outras vezes

por solidariedade com as pessoas de meu bairro ou comunidade, estou lá a ouvir as pregações dominicais ou outras. Há algumas repetições criativas, mas há repetições que são capazes de matar o sentido da obra original. E isto acontece quando o pregador e o povo não expressam ali seus sentimentos profundos, não fazem daquele momento um momento de sentido verdadeiro.

Poucos querem atualizar a história do 'primeiro filme' de nossa fé, sua versão original. Poucos querem adaptar esta história às novas histórias que nascem sem cessar. Poucos contam de forma compreensível o começo dos símbolos que se construíram em torno dela... Então ela perde sua força e sua capacidade de evocar coisas boas para a vida. É quase esquecida e ficam apenas algumas exterioridades incapazes de tocar as entranhas e fazer desse 'filme' de amor, 'meu filme', minha arte, minha celebração.

O filme de que eu gosto tem que ter pedaços de minha história, de nossa história. A celebração da qual participo tem que ter o gosto da festa que tem significado em minha vida, em nossas vidas. Muitas vezes sinto-me carente de bons filmes, de bons livros, de boas celebrações. É a carência comum de muitas pessoas. Tudo isso é parte de nossa vida e parte de nossos desejos. Isto podia ser até um tema para um filme!

E você, qual é o filme de que você gosta? 

Ivone Gebara, teóloga católica e escritora.

Índice de Tempo e Presença

2000

Autores

ALENCAR, Chico. *(Des)unidos do pau-brasil*. 22(310): mar./abr-6-10.

ALVES, Rubem. "E uma criança pequena os guiará". 22(312): jul./ago. 37-38.

_____. *O que é científico?* 22(311): mai./jun. 45-46.

_____. *A clarineta desafinada*. 22(309): jan./fev. 29-30.

_____. *Duas estórias de Natal*. 22(314): nov./dez. 41-42.

_____. *O computador salva*. 22(310): mar./abr. 45-46.

_____. *Sou obrigado a votar...* 22(313): set./out. 37-38.

BARROS, Marcelo. *A igreja do poder e a comunidade da fraqueza*. 22(313): set./out. 15-19.

_____. *A renúncia do papa já começou*. 22(309): jan./fev. 31.

BISSIO, Beatriz. *Lições do Chile*. 22(311): mai./jun. 42-44.

BITTENCOURT FILHO, José. *O protestantismo histórico brasileiro às voltas com os pentecostais*. 22(309) Suplemento Especial: jan./fev. 25-32.

BOFF, Leonardo. *Quem subverte o concílio?* 22(314): nov./dez. 31-33.

BRUNAZO FILHO, Amílcar. *A segurança do voto na urna eletrônica brasileira*. 22(311): mai./jun. 28-36.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Composições e recomposições do poder espiritual e político*. 22(313): set./out. 20-23.

CATÃO, Francisco. *Teologia e poder: uma reflexão teológica*. 22(313): set./out. 7-9.

CAVALCANTE, Tereza. *À Procura do pai: um olhar teológico sobre o filme "Central do Brasil"*. 22(309): jan./fev. 21-25.

COSTA, Beatriz. *Educação popular: sempre um debate*. 22(312): jul./ago. 11-13.

COSTA, Jurandi Freire. *Mortes a crédito*. 22(310): mar./abr. 43-44.

DIAS, Zwinglio M. *O governo legítimo nasce do Espírito: origem e legitimação do poder nas igrejas e no mundo*. 22(313): set./out. 10-14.

_____. *A longa estrada ecumênica*. 22(309) Suplemento Especial: jan./fev. 2000, 3-8.

_____. *Declaração Ecumênica de Augsburg*. 22(309): jan./fev. 32-34.

_____. *O protestantismo nos Trópicos*. 22(314): nov./dez. 34-37.

EPEGA, Iyá Sandra Medeiros. *Sem sacramentos. Até quando?* 22(310): mar./abr-14-16.

FRANÇA, Julia Esther Castro. *Movimento de*

luta pela moradia e Estado. 22(314): nov./dez. 17-18.

FREI BETTO. *E-mail é mal*. 22(309): jan./fev. 28.

GALEANO, Eduardo. *A monarquia universal*. 22(313): set./out. 35-36.

GARCIA, Pedro. *Arte como reencantamento do mundo*. 22(309): jan./fev. 26-27.

GEBARA, Ivone. *Diálogo entre Pedro Eclésio Institucionalis e Madalena Sem Terra* 22(312): jul./ago. 25-27.

_____. *Bruxas e feitiçeras*. 22(314): nov./dez. 23-25.

_____. *A nova economia e o fetichismo*. 22(313): set./out. 27-28.

_____. *Uma homenagem às "moças velhas"*. 22(310): mar./abr. 22-24.

GIUMBELLI, Emerson. *Liberdade religiosa: ponto-de-interrogação*. 22(313): set./out. 24-26.

GONÇALVES, Reinaldo. *A nova economia e o fetichismo*. 22(313): set./out. 2000:

GUALBERTO, Márcio A. M & KLICH, Romeu Olmar. *Para uma nova abordagem dos direitos humanos*. 22(314): nov./dez. 19-22.

GRZYBOWSKI, Cândido. *O empate na questão agrária brasileira*. 22(314): nov./dez. 7-10.

IULIANELLI, Jorge Atilio Silva. *O dom da unidade: passos ecumênicos da Igreja Católica Romana*. 22(309)-Suplemento Especial: jan./fev. 9-24.

KLICH, Romeu Olmar & GUALBERTO, Márcio A. M. *Para uma nova abordagem dos direitos humanos*. 22(314): nov./dez. 19-22.

LEITE, Siomara Borba & VALLE, Lílian do. *O tempo humano da criação: pesquisa e a pós-graduação em tempos neoliberais*. 22(312): jul./ago. 7-10.

LENZ, Flávio. *Cabará Davida: informação para a rua*. 22(312): jul./ago. 28-30.

LISBOA, Armando de Melo. *Desafios da economia popular solidária (EPS)*. 22(312): jul./ago. 31-36.

LOPES, Eliseu. *Memorativo*. 22(310): mar./abr. 30-33.

MACHADO, Eliane. *Ensino médio: reforma para pior*. 22(312): jul./ago. 22-24.

MENEZES, Lais. *Política sem políticos!*. 22(314): nov./dez. 14-16.

MORELLI, Mauro. *Municipalismo parlamentarista*. 22(311): mai./jun. 19-21.

MUÑOZ, Jorge. *População de rua: anotações em torno da metodologia*. 22(313): set./out. 32-34.

PALMEIRA, Moacir. *Eleição municipal, política e cidadania*. 22(311): mai./jun. 7-15.

PENA, Eduardo Spiller. "Santa Pé-de-Cana, ora pro nobis!": *oração e escravidão*. 22(310): mar./abr. 25-29.

PENNA, Luiz Felipe de Oliveira. *Ações do executivo esvaziam constituição*. 22(314): nov./dez. 38-40.

PRANDI, Reginaldo. *Religião, biografia e conversão: escolhas e mudanças*. 22(310): mar./abr. 34-42.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Poder local: riscos de simplificação*. 22(311): mai./jun. 16-18.

ROCHA, Rogério Lannes. *Violência, mídia e sociedade no ônibus* 174. 22(314): nov./dez. 26-30.

SADER, Emir. *Desafios para os movimentos sociais*. 22(314): nov./dez. 11-13.

SOUZA NETO, Cláudio Pereira de. *Constituição e poder municipal*. 22(311): mai./jun. 22-24.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. *As devoções e o ser religioso do Brasil*. 22(310): mar./abr. 17-21.

VALLE, Lílian do & LEITE, Siomara Borba. *O tempo humano da criação: pesquisa e a pós-graduação em tempos neoliberais*. 22(312): jul./ago. 7-10.

VILELA, Magno José. *Catequese renovada católica nestes trinta anos*. 22(310): mar./abr. 11-13.

WEBER, Silke. *Políticas do ensino superior: perspectivas*. 22(312): jul./ago. 14-17.

Temas

AÇÃO SOCIAL

JUVENTUDE, *diversão, cultura e sindicalismo rural*. 22(313): set./out. 6.

GUALBERTO, Márcio A. M & KLICH, Romeu Olmar. *Para uma nova abordagem dos direitos humanos*. 22(314): nov./dez. 19-22.

LENZ, Flávio. *Cabará Davida: informação para a rua*. 22(312): jul./ago. 28-30.

LISBOA, Armando de Melo. *Desafios da economia popular solidária (EPS)*. 22(312): jul./ago. 31-36.

MENEZES, Lais. *Política sem políticos!*. 22(314): nov./dez. 14-16.

MUÑOZ, Jorge. *População de rua: anotações em torno da metodologia*. 22(313): set./out. 32-34.

SADER, Emir. *Desafios para os movimentos sociais*. 22(314): nov./dez. 11-13.

DEMOCRACIA

ALVES, Rubem. *Sou obrigado a votar...* 22(313): set./out. 37-38.

BISSIO, Beatriz. *Lições do Chile*. 22(311): mai./jun. 42-44.
BRUNAZO FILHO, Amílcar. *A segurança do voto na urna eletrônica brasileira*. 22(311): mai./jun. 28-36.
MORELLI, Mauro. *Municipalismo parlamentarista*. 22(311): mai./jun. 19-21.
PALMEIRA, Moacir. *Eleição municipal, política e cidadania*. 22(311): mai./jun. 7-15.

EDUCAÇÃO

COSTA, Beatriz. *Educação popular: sempre um debate*. 22(312): jul./ago. 11-13.
MACHADO, Eliane. *Ensino médio: reforma para pior*. 22(312): jul./ago. 22-24.
VALLE, Lílian do & LEITE, Siomara Borba. *O tempo humano da criação: pesquisa e a pós-graduação em tempos neoliberais*. 22(312): jul./ago. 7-10.
WEBER, Silke. *Políticas do ensino superior: perspectivas*. 22(312): jul./ago. 14-17.

FILOSOFIA

ALENCAR, Chico. *(Des)unidos do pau-brasil*. 22(310): mar/abr - 6-10.
ALVES, Rubem. *"E uma criança pequena os guiará."* 22(312): jul./ago. 37-38.
_____. *O que é científico?* 22(311): mai./jun. 45-46.
_____. *A clarineta desafinada*. 22(309): jan./fev. 29-30.
_____. *O computador salva*. 22(310): mar./abr. 45-46.
_____. *Sou obrigado a votar...* 22(313): set./out. 37-38.
GARCIA, Pedro. *Arte como reencantamento do mundo*. 22(309): jan./fev. 26-27.

MEMÓRIA

A BUSCA do elo perdido: teologia e revolução. 22(309): jan./fev. 6-7.
LUÍS ODELL: *pioneirismo e símbolo do ecumenismo*. 22(309): jan./fev. 8.
ASCENSÃO e crise do movimento ecumênico. 22(309): jan./fev. 12-14.
ALENCAR, Chico. *(Des)unidos do pau-brasil*. 22(310): mar/abr - 6-10.
DIAS, Zwinglio M. *A longa estrada ecumênica*. 22(309) Suplemento Especial: jan./fev. 2000, 3-8.
_____. *Declaração Ecumênica de Augsburg*. 22(309): jan./fev. 32-34.

MOVIMENTO ECUMÊNICO

PERSPECTIVA teológica na proscrição: esboço. 22(309): jan./fev. 18-20.
A BUSCA do elo perdido: teologia e revolução. 22(309): jan./fev. 6-7.
LUÍS ODELL: *pioneirismo e símbolo do ecumenismo*. 22(309): jan./fev. 8.
MARGINALIZAÇÃO e proscrição. 22(309): jan./fev. 9-11.

IRMÃOS e patrícios por justiça. 22(314): nov./dez. 6.
ASCENSÃO e crise do movimento ecumênico. 22(309): jan./fev. 12-14.
MERCADO total: holocausto encoberto. 22(309): jan./fev. 15-17.
BITTENCOURT FILHO, José. *O protestantismo histórico brasileiro às voltas com os pentecostalismos*. 22(309) Suplemento Especial: jan./fev. 25-32.
DIAS, Zwinglio M. *A longa estrada ecumênica*. 22(309) Suplemento Especial: jan./fev. 2000, 3-8.
_____. *Declaração Ecumênica de Augsburg*. 22(309): jan./fev. 32-34.
IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *O dom da unidade: passos ecumênicos da Igreja Católica Romana*. 22(309) Suplemento Especial: jan./fev. 9-24.

NEOLIBERALISMO

MERCADO total: holocausto encoberto. 22(309): jan./fev. 15-17.
GALEANO, Eduardo. *A monarquia universal*. 22(313): set./out. 35-36.
GONÇALVES, Reinaldo. *A nova economia e o fetichismo*. 22(313): set./out. 2000.

PROSCRIÇÃO

PERSPECTIVA teológica na proscrição: esboço. 22(309): jan./fev. 18-20.
MARGINALIZAÇÃO e proscrição. 22(309): jan./fev. 9-11.
LENZ, Flávio. *Cabará Davida: informação para a rua*. 22(312): jul./ago. 28-30.
MUÑOZ, Jorge. *População de rua: anotações em torno da metodologia*. 22(313): set./out. 32-34.

REALIDADE BRASILEIRA

IRMÃOS e patrícios por justiça. 22(314): nov./dez. 6.
ALENCAR, Chico. *(Des)unidos do pau-brasil*. 22(310): mar/abr - 6-10.
COSTA, Jurandir Freire. *Mortes a crédito*. 22(310): mar./abr. 43-44.
DIAS, Zwinglio M. *O protestantismo nos Trópicos*. 22(314): nov./dez. 34-37.
EPEGA, Iyá Sandra Medeiros. *Sem sacramentos. Até quando?* 22(310): mar/abr-14-16.
FRANÇA, Julia Esther Castro. *Movimento de luta pela moradia e Estado*. 22(314): nov./dez. 17-18.
GEBARA, Ivone. *Uma homenagem às "moças velhas"*. 22(310): mar./abr. 22-24.
GRZYBOWSKI, Cândido. *O empate na questão agrária brasileira*. 22(314): nov./dez. 7-10.
KLICH, Romeu Olmar & GUALBERTO, Márcio A. M. *Para uma nova abordagem dos direitos humanos*. 22(314): nov./dez. 19-22.
LEITE, Siomara Borba & VALLE, Lílian do.

O tempo humano da criação: pesquisa e a pós-graduação em tempos neoliberais. 22(312): jul./ago. 7-10
LENZ, Flávio. *Cabará Davida: informação para a rua*. 22(312): jul./ago. 28-30.
LISBOA, Armando de Melo. *Desafios da economia popular solidária (EPS)*. 22(312): jul./ago. 31-36.
LOPES, Eliseu. *Memorativo*. 22(310): mar./abr. 30-33.
MENEZES, Lais. *Política sem políticos!*. 22(314): nov./dez. 14-16.
PENA, Eduardo Spiller. *"Santa Pé-de-Cana, ora pro nobis!" : oração e escravidão*. 22(310): mar./abr. 25-29.
PRANDI, Reginaldo. *Religião, biografia e conversão: escolhas e mudanças*. 22(310): mar./abr. 34-42.
ROCHA, Rogério Lannes. *Violência, mídia e sociedade no ônibus* 174. 22(314): nov./dez. 26-30.
SADER, Emir. *Desafios para os movimentos sociais*. 22(314): nov./dez. 11-13.
TORRES-LONDOÑO, Fernando. *As devoções e o ser religioso do Brasil*. 22(310): mar./abr. 17-21.
VILELA, Magno José. *Catequese renovada católica nestes trinta anos*. 22(310): mar./abr. 11-13.

TEOLOGIA

PERSPECTIVA teológica na proscrição: esboço. 22(309): jan./fev. 18-20.
MARGINALIZAÇÃO e proscrição. 22(309): jan./fev. 9-11.
ALVES, Rubem. *Duas estórias de Natal*. 22(314): nov./dez. 41-42.
_____. *O computador salva*. 22(310): mar./abr. 45-46.
BARROS, Marcelo. *A igreja do poder e a comunidade da fraqueza*. 22(313): set./out. 15-19.
_____. *A renúncia do papa já começou*. 22(309): jan./fev. 31.
CATÃO, Francisco. *Teologia e poder: uma reflexão teológica*. 22(313): set./out. 7-9.
CAVALCANTE, Tereza. *À Procura do pai: um olhar teológico sobre o filme "Central do Brasil"*. 22(309): jan./fev. 21-25.
DIAS, Zwinglio M. *O governo legítimo nasce do Espírito: origem e legitimação do poder nas igrejas e no mundo*. 22(313): set./out. 10-14.
GEBARA, Ivone. *Diálogo entre Pedro Eclési Institutional e Madalena Sem Terra*. 22(312): jul./ago. 25-27.
_____. *Bruxas e feiticeiras*. 22(314): nov./dez. 23-25.
_____. *A nova economia e o fetichismo*. 22(313): set./out. 27-28.
_____. *Uma homenagem às "moças velhas"*. 22(310): mar./abr. 22-24.

Reflexão teológica sob censura

Faustino Teixeira

O impacto negativo da Declaração *Dominus Iesus* não foi suficiente para abrandar a ira inquisitorial do moderno Santo Ofício sediado na Congregação para a Doutrina da Fé. Agora é o livro *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso* que está em julgamento. Para entender os sentimentos nossos e deste texto fica bem ler após e/ou antes o texto *Quem tem medo de chocolates?* nesta edição

Por ocasião da apresentação à imprensa da Declaração *Dominus Iesus*, o cardeal Joseph Ratzinger chamou a atenção para o que denominou de “relativismo” presente não apenas nos ambientes teológicos, mas igualmente em vastos setores da opinião pública. Em sua opinião, a Declaração ganhava pleno sentido, sobretudo em razão da afirmação crescente de uma “teologia do pluralismo religioso”. Entre os objetivos propostos no documento, estava a afirmação das bases doutrinárias vinculantes e “irrenunciáveis” de orientação da reflexão teológica e da ação pastoral e missionária das comunidades católicas espalhadas pelo mundo.

DOMINUS IESUS EM AÇÃO

Entre as instâncias que trabalham o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, a Declaração *Dominus Iesus* repercutiu de forma muito negativa. Não se via há muitos anos um tal impacto em documentos produzidos pela Igreja Católica Romana. As vozes críticas, provenientes de diversos segmentos do campo religioso não foram suficientes para um discernimento mais ponderado da Congregação para a Doutrina da Fé, que volta mais uma vez a atuar de forma rigorosa contra a investigação teológica, por meio da Notificação ao teólogo jesuíta Jacques Dupuis pelo livro *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*.

O professor Jacques Dupuis, nascido na Bélgica em 1923, talvez seja hoje um dos maiores especialistas no campo da reflexão católica sobre o tema da teologia das religiões e do diá-

logo inter-religioso. Depois de um longo período de atuação na Índia (1948-1984), passou a lecionar na Pontifícia Universidade Gregoriana, na área de teologia sistemática, respondendo igualmente pela direção da revista *Gregorianum*. Dentre suas importantes atividades, atuou como consultor do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e da Federação Asiática das Conferências Episcopais. A investigação crítica sobre a sua última obra, por parte da Congregação para a Doutrina da Fé, teve início em junho de 1998, quando o autor foi solicitado a responder em prazo delimitado a uma série de questões controvertidas presentes em seu livro. A partir desse período, Jacques Dupuis deixou de lecionar na Universidade, aguardando o resultado das conversações iniciadas. (Outros detalhes desse processo podem ser lidos na REB, 59 de 1999.)

A Notificação sobre o livro de Dupuis, publicada em 24 de janeiro de 2001, constitui o resultado das investigações realizadas pelos consultores da Congregação para a Doutrina da Fé sobre o livro em questão. Não obstante as respostas dadas por Jacques Dupuis, no sentido de facultar os esclarecimentos necessários, bem como sua explícita vontade de permanecer fiel à doutrina da Igreja Católica, a Congregação para a Doutrina da Fé achou por bem publicar a Notificação, em razão das “notáveis ambigüidades e dificuldades sobre pontos doutrinários de relevante alcance”, que poderiam “conduzir os leitores a opiniões errôneas e perigosas”. Como objetivo

declarado, estava “o intento de salvar a doutrina da fé católica dos erros, ambigüidades ou interpretações perigosas”.

NOTIFICAÇÃO: INTIMAÇÃO A...

Com a Notificação assinada, o teólogo Jacques Dupuis se vê convocado a seguir as teses enunciadas pelo tribunal romano, comprometendo-se a conformar-se aos conteúdos doutrinários indicados, tanto na sua atividade teológica como em suas publicações, sendo que o texto da Notificação deverá estar inserido nas reedições ou traduções do mencionado livro.

Para quem conhece de perto a reflexão de Jacques Dupuis, a leitura da Notificação revela, no mínimo, um grande mal-entendido. O destacamento de passos do livro, ou a interpretação forçada de certas passagens, traduzem uma injustiça com o complexo pensamento do autor. Muitas das questões levantadas já haviam sido esclarecidas de forma sóbria e convincente pelo autor, em suas reações às recensões da obra, no brilhante artigo *La teologia del pluralismo religioso revisitata*. O texto de sua defesa, ainda não publicado, deve ter trilhado o mesmo caminho, com desdobramentos ainda mais refinados.

ESCLARECIMENTOS NÃO FORAM SUFICIENTES

A cada um dos pontos apresentados na Notificação, Jacques Dupuis já tinha dado um esclarecimento, mas não foi o suficiente para os membros da Congregação romana. No contexto



Publicada na década de 1980 a propósito do silêncio imposto ao então Frei Leonardo Boff, a ilustração acima permanece tristemente atual

Bia/extraído do Boletim SIN

da atual conjuntura eclesial, não há ‘credibilidade disponível’ para assimilar o impacto do ‘salto qualitativo’ proposto por Dupuis no campo da nova compreensão teológica sobre o plano divino de salvação. As ambigüidades ou dificuldades percebidas pela Congregação da Doutrina da Fé, no livro de Dupuis, resumem-se a cinco pontos: a propósito da mediação salvífica única e universal de Jesus Cristo; da unicidade e plenitude da revelação de Jesus Cristo; da ação salvífica universal do Espírito Santo; da ordenação de todos os homens à Igreja; e do valor e função salvífica das tradições religiosas.

Com respeito ao primeiro ponto (mediação salvífica única e universal de Jesus Cristo), adverte-se contra o risco de separação entre o Verbo e Jesus, ou uma separação entre a ação salvífica do Verbo e a de Jesus (n. 2); bem como ao risco de se afirmar uma ação salvífica do Verbo em sua divindade, destacada da humanidade do Verbo encarnado. De acordo com Dupuis, há que se levar em conta os

dois aspectos complementares do dogma cristológico. Ao dado da união das duas naturezas em Jesus Cristo — “sem divisão ou separação” —, há que complementar o dado de sua distinção que não permite igualmente “confusão” entre elas. Para Dupuis, o monofisismo permanece ainda hoje, um perigo real, em razão da “longa estacão de predileção de uma só entre as diversas cristologias do Novo Testamento”, com a tendência de absorção da natureza humana na divina. Indica, porém, um outro risco, ainda que menos difuso: do “monofisismo invertido”, ou seja, da absorção da natureza divina na humana, ocasionando uma “redução” dos atributos divinos da pessoa do Verbo. Dupuis, não nega em nenhum momento que a ação humana de Jesus seja a do Verbo, mas indica que a ação divina “permanece sempre distinta da humana”. Com base em fundamentação exegética de reconhecidos especialistas católicos, como Schnackenburg e Léon-Dufour, Dupuis sustenta a tese de uma “ação contínua do Logos” antes e depois da encarnação, mas sem que isto signifique, em nenhum momento, a negação do evento cristológico como “concentração insuperável da auto-revelação divina”. O pensamento de Dupuis converge igualmente com o de teólogos como C. Geffré, E. Schillebeeckx, C. Ducquoc e A. Dulles, que partilham a idéia de que a economia do Verbo encarnado constitui o sacramento de uma “economia mais vasta, a do Verbo eterno de Deus, que coincide com a história religiosa da humanidade”.

Com respeito ao *segundo ponto* (unicidade e plenitude da revelação de Jesus Cristo), adverte-se como contrário à fé da Igreja, sustentar o caráter limitado, incompleto e imperfeito da revelação de Jesus Cristo. Esta revelação “oferece tudo o que é necessário para a salvação do homem, não necessitando ser completada por outras religiões” (n. 3). Na visão de Dupuis, o evento histórico Jesus Cristo, sem deixar de ser sacramento universal da vontade de Deus, permanece particular em razão de sua historicidade. Isto significa que tal evento não exaure a potência salvífica de Deus, pois a ação universal do Verbo e do Espírito não se circunscreve à humanidade de Jesus. Daí não se pode, porém, concluir que Dupuis pretenda reduzir Jesus Cristo a uma figura salvífica entre outras. Para ele, a revelação divina operada em Jesus Cristo é “decisiva” e qualitativamente insuperável, o que não impede, porém, a continuidade da presença e ação de Deus no mundo.

A propósito do *terceiro ponto* (ação salvífica universal do Espírito Santo), adverte-se quanto ao risco de se entender a ação salvífica do Espírito Santo deslocada da única economia salvífica universal do Verbo encarnado (n.5). Prevenindo-se contra este risco, Dupuis sempre insistiu na articulação do pneumatocentrismo com o cristocentrismo, de forma a preservar a centralidade do evento Cristo. Com base em Santo Irineu, utiliza a metáfora das “duas mãos” de Deus que operam a única economia da salvação: a mão do Verbo e a mão do Espírito. Mãos que são unidas e inseparáveis, mas também distintas e complementares. No sentido de evitar o risco do “cristomonismo”, freqüentemente apontado pela tradição oriental e ortodoxa como um desvio ocidental, Jacques Dupuis indica que “a comunicação do Espírito

As vozes críticas, provenientes de diversos segmentos do campo religioso, não foram suficientes para um discernimento mais ponderado da Congregação para a Doutrina da Fé

por obra do Cristo ressuscitado, não exaure a operosidade do Espírito depois do evento-Cristo”. Em linha de sintonia com o Vaticano II e com a encíclica *Dominum et Vivificantem* de João Paulo II, Dupuis sublinha que o Espírito Santo estava já presente e operante mesmo antes da glorificação de Cristo. Trata-se de uma operação sempre relacionada com o evento culminante de Jesus Cristo. Mas a chave desta relação é protegida por um “silêncio apofático, respeitoso da transcendência do mistério”.

Quanto ao *quarto ponto* (ordenação de todos os homens à Igreja), adverte-se contra o risco de se considerarem as várias religiões do mundo como caminhos complementares ao da Igreja, em ordem à salvação (n. 6). Conforme a Notificação, “os seguidores das outras religiões são ordenados à Igreja e todos chamados a dela fazerem parte” (n.7).

Tais preocupações são complementadas com o *quinto ponto* (valor e função salvífica das tradições religiosas), que aborda a questão do valor e da função salvífica das diversas tradições religiosas. Para a Congregação, estas tradições assumem unicamente um papel de “preparação evangélica”, não podendo ser consideradas como tal, caminhos de salvação (n. 8). Para Jacques Dupuis, ao longo da história da Igreja Católica foram muito comuns os juízos “seriamente injustos”

com respeito às outras religiões, contrapondo o que há de melhor na tradição cristã com o que há de pior nas outras tradições. Este autor buscou sempre se contrapor a tais tendências, apontando para um caminho qualitativamente distinto.

O texto da Notificação permanece devedor da “teoria do cumprimento”, que não consegue vislumbrar nas outras tradições senão um papel de “preparação evangélica”. Para Dupuis, ao contrário, as religiões não se resumem a mera representação de uma busca humana de Deus às apalpadelas, mas constituem “caminhos mediante os quais Deus tem buscado os homens através da história da humanidade”. Elas constituem parte de todo o “processo de envolvimento pessoal de Deus com a humanidade que atravessa a história”, tendo como ponto culminante o evento Jesus Cristo. Entre o cristianismo e as demais tradições religiosas é legítimo falar na presença de uma “complementaridade recíproca”, sem que isto contradiga o caráter único da revelação bíblica e cristã: complementaridade mediante a qual as outras tradições saem enriquecidas com o cristianismo e, ao mesmo tempo, podem evidenciar traços ou aspectos do mistério divino não bem salientados pela tradição cristã.

Talvez a maior contribuição da reflexão teológica de Jacques Dupuis, que passou despercebida pelos seus “avaliadores”, foi manter vivo o “sentido do mistério da transcendência de Deus e do seu plano de salvação”, tornado presencial no rico manancial do pluralismo religioso. Um pluralismo que afunda suas raízes na profundidade de um Deus que é amor, capaz de acompanhar os seres humanos na diversidade de seus caminhos. ☪

Faustino Teixeira, teólogo e doutor em Ciência das Religiões.

Uma aventura ecumênica obstinada

Zwinglio M. Dias

As tendências do momento caminham mais para a fragmentação do que para a possível unidade das igrejas e do mundo, mas... O Autor circula entre o passado com suas formas institucionais de ecumenismo; e aponta o "declínio das utopias", as derrotas dos "progressistas", o surgimento da "religiosidade *prêt-à-porter*", individualista como as causas de se deixar de lado a "resposta aos desafios" que, entretanto, se estão redescobrando em diversas ações comuns fora das instâncias institucionais

*A vida só é possível reinventada.
... é sob forma de palavra, sob forma
de ordem ética ou de ordem de amar
que se faz a descida de Deus. É no
Rosto do Outro que vem o
mandamento que interrompe a marcha
do mundo.*

In memoriam: Para Enilson Rocha Souza, militante do ecumenismo, defensor da vida, testemunha de Jesus Cristo!

O campo religioso brasileiro é vasto e complexo, comporta uma infinidade de variações, combinações e (re)formulações de modos de crença e de tratamento dos diferentes e, quase sempre, os mesmos objetos de fé... As experiências ecumênicas de que temos notícias são variadas e multifacéticas, oficiais, oficiosas e, às vezes, até 'subversivas' de certos cânones institucionalmente estabelecidos. Não devemos incorrer no erro de supor que obedecemos a uma única e definitiva concepção de 'ecumênico'. Se, historicamente, esta palavra ganhou uma definição mais ou menos precisa e diferenciada, tanto no mundo protestante como no mundo católico, hoje ela não é mais unívoca e se presta para a designação de inúmeras atividades de caráter interconfessional e/ou interdenominacional, muitas vezes à revelia dos posicionamentos (favoráveis ou não) das estruturas eclesiásticas.

DO ECUMENISMO OFICIAL...

Em termos institucionais, apesar do muito já alcançado até aqui, observa-se uma certa estagnação que não deixa de ser inquietante e reveladora de que as lógicas denominacionais/confessionais têm sobrepujado a proposta ecumênica. Esta situação não é nova, pois tem acompanhado o desenvolvimento dos esforços ecumênicos das poucas igrejas a eles devotadas desde os seus inícios. O que se apresenta como novidade, neste final de século, é o resultado do desgaste produzido pela lógica institucional que fez que as igre-

jas, envolvidas com o movimento ecumênico, dessem prioridade a suas agendas particulares em detrimento dos reclamos de uma proposta ecumênica fundada no horizonte maior do Reinado da Justiça anunciado por Jesus de Nazaré.

Vários fatores explicam esta realidade sombria para o ecumenismo nacional. Caudatário de iniciativas originadas em outros continentes, o movimento ecumênico no Brasil sempre foi sensível aos avanços e tropeços vividos pelo ecumenismo no plano internacional. Neste particular a situação de certo marasmo no campo do ecumenismo institucional reflete a situação geral que se pode observar em outras regiões e, notadamente, no Conselho Mundial de Igrejas. No caso brasileiro, no entanto, é mister levar em conta algumas particularidades da cultura religiosa que o caracteriza.

Segundo o professor Antônio G. Mendonça há uma cultura antiecumênica no Brasil produzida em virtude da natureza das igrejas protestantes aqui implantadas. Analisando as relações entre cultura e religião, afirma: *A introdução das denominações protestantes no Brasil só foi possível pela ocupação de espaços e interstícios da cultura católica. Foi necessária a apresentação de uma mensagem religiosa anticatólica e fortemente caracterizada pela oposição à cultura. O crescimento do Protestantismo sempre esteve relacionado com o decréscimo do Catolicismo.(...) O não-ecumenismo no Brasil tem... suas bases numa*

Apesar das quase intransponíveis dificuldades institucionais, há evidências de que os fiéis se entendem, consideram-se irmãos e, no nível das comunidades, não são poucos os exemplos de colaboração e oração em comum

conjugação de fatores que configura uma espécie de cultura antiecumênica.

Por sua vez o catolicismo, a partir do Concílio Vaticano II voltou-se decididamente para o diálogo com “nossos irmãos não-católicos”, o que até certo ponto frutificou entre as décadas de 1960 a 1980, com os setores de algumas igrejas protestantes sensibilizados pela proposta ecumênica encarnada pelo Conselho Mundial de Igrejas. As lutas sociais e políticas, a promoção e defesa dos direitos humanos, num período marcado pelas ditaduras militares que assolaram a América Latina, como os esforços pela via devocional dos Encontros de Oração pela Unidade e os trabalhos conjuntos de organização e emancipação dos setores populares oprimidos e humilhados pela estrutura socioeconômica injusta, formaram cenários de colaboração estreita entre católicos e protestantes (de algumas igrejas).

Mas chegamos à década de 1990 com uma nova realidade mundial que afetou profundamente o quadro até então vivido. O declínio das utopias de um mundo melhor, mais justo e fraterno; a frustração gerada pelas derrotas políticas das propostas ditas ‘progressistas’, sobre as quais deslizava o promissor encontro entre os cristãos; e a eclosão de um enorme surto de religiosidade prêt-à-porter, individualista, intimista e emocional, de tipo pentecostal/carismático, levaram as igrejas a se voltarem sobre si mesmas.



Marta Strauch

Acabaram estas por se entregar à sua lógica institucional interna, e, assim, protelaram a resposta aos desafios da construção de uma *oikoumene* justa e fraterna para outro tempo, quando se sentirem novamente consolidadas e suas estruturas institucionais livres de qualquer risco...

DOS ECUMENISMOS OUTROS... As relações ecumênicas entre protestantes

Historiadores e analistas do protestantismo brasileiro costumam se referir à existência de um certo ideal de unidade entre os protestantes, seja em termos nacionais, seja latino-americanos, a que têm batizado de pan-protestantismo. Entretanto esse ideal raramente tem assumido concreção histórica duradoura. As tentativas havidas sempre esbarraram nos processos de fracionamento que, hoje, se mostram mais fortes que nunca. A Confederação Evangélica do Brasil não sobreviveu aos choques modernizadores da sociedade brasileira, a seção brasileira do Conselho Latino-Americano de

Igrejas não chega a sensibilizar uma dezena de denominações nacionais e a Associação Evangélica Brasileira não conseguiu se consolidar plenamente. Ou seja, as relações entre as denominações protestantes continuam conflitivas e institucionalmente muito difíceis.

É verdade que existem muitos pontos comuns entre os evangélicos brasileiros. Quase que uma unanimidade não planejada em termos de discurso teológico. Mas a fragmentação e a concorrência institucional parecem ser muito mais fortes.

Apesar destas quase intransponíveis dificuldades institucionais, há evidências de que os fiéis se entendem, consideram-se irmãos e, no nível das comunidades, não são poucos os exemplos de colaboração e oração em comum.

As relações entre protestantes e católicos

Desde os primeiros encontros intereclesiais das Cebes a presença de protestantes tem sido uma constante. Ainda

que em grupo diminuto essa presença nunca deixou de acontecer. Trata-se de um sinal de que nas lutas e confrontos pela sobrevivência e pela garantia das condições mínimas para a existência os fiéis das mais diferentes igrejas têm se encontrado e orado juntos, porque partilham das mesmas esperanças e se alimentam dos mesmos símbolos.

No plano institucional, em que pese a sua força simbólica e o reconhecimento social até aqui obtido, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) continua limitado pelo ecumenismo apenas formal de muitas de suas (poucas) igrejas-membros e pelas ambigüidades que marcam a postura ecumênica da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Por outro lado é de se notar que nos esforços comunitários, tanto no campo como nas periferias dos grandes conglomerados urbanos a aproximação entre católicos e protestantes de diversos matizes, em função de interesses comuns, é um fato que escapa, muitas vezes, ao conhecimento e ao controle de suas instâncias institucionais. Neste caso pode-se dizer que a desumanidade das estruturas sociais faz a agenda da vivência cristã de homens e mulheres que, em suas igrejas, são ensinados a sonhar separados aquilo que só podem experimentar juntos.

As entidades ecumênicas de serviço

Oriundas do espírito ecumênico impulsionado a partir da década de 1960 estas unidades de serviço (matrizes de muitas das hoje conhecidas ONGs) se desenvolveram nos anos 1970 e 1980 oferecendo uma enorme paleta de serviços às igrejas na área da educação, da formação, da teologia, das análises do campo religioso e da realidade sociopolítica e econômica da sociedade, contribuindo com subsídios para planos pastorais regionais e mesmo nacionais das igrejas e ajudando no de-

senho das mais diferentes atividades no campo social, numa perspectiva ecumênica e, muitas vezes, supranacional. Muitas delas não conseguiram esconder suas origens denominacionais/confessionais, mas todas tiveram como marca indelével de sua existência a promoção do diálogo e do esforço ecumênico conjunto.

Neste tempos de inverno rigoroso para o ecumenismo institucional e de provação/provocação para um projeto de unidade eclesial nos limites da história, ante a eclosão da religiosidade extática, intimista e emocional dos pentecostalismos, muitas igrejas continuam dando testemunho do ecumenismo libertário que foi e continua sendo sua razão de existir.

O diálogo inter-religioso

O ecumenismo libertário está ampliando sua perspectiva. Se não foi, nas décadas anteriores, mais inclusivo, procura corrigir seus próprios passos agora. A experiência das comunidades eclesiais de base, o surgimento de igrejas puramente indígenas em vários países do Continente tomaram consciência das mais variadas formas de opressão, veladas ou não, sobre as culturas subordinadas pelo processo colonial (conhecido hoje sob o epíteto de globalização); ouviram o clamor das mulheres, secularmente submetidas no interior das igrejas; e foram levadas a pôr na ordem do dia o diálogo entre culturas como forma de expressão maior da proposta ecumênica. Com isso o diálogo com as outras formulações religiosas, reduzidas à sombra pela força do imaginário religioso hegemonicamente imposto, começa a se impor e a questionar o imperialismo cristão a que sempre fomos submetidos. Os primeiros passos começam a ser dados, não sem tensões e crises. Novos perigos emergem, como o da folclorização da cultura afro-brasileira ou o da apropriação também do

Tanto no campo como nas periferias dos grandes conglomerados urbanos, a aproximação entre católicos e protestantes de diversos matizes, em função de interesses comuns, é um fato que escapa, muitas vezes, ao conhecimento e ao controle de suas instâncias institucionais

universo simbólico daqueles que, historicamente, foram privados de tudo para a construção de nossa nacionalidade. Mas o desafio está aí e só os verdadeiramente engajados na causa do ecumenismo libertário serão capazes de enfrentá-lo com honestidade e retidão.

Estas poucas e limitadas considerações nos permitem perceber que as tarefas para a consolidação de um espírito e de uma vontade ecumênica aí estão diante de nós, neste novo milênio, num quadro de tendências que, na verdade, apontam mais para a fragmentação do que para a unidade das igrejas e do mundo em que vivemos. No entanto, como assinala Emílio Castro, ex-secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, *temos que basear-nos na comunhão que já alcançamos pela experiência vivida por nossas igrejas no passado, mas também na antecipação de experiências que poderemos vir a ter depois de passar por momentos que podem ser duros, álgidos, de diálogo polêmico, mas que permitirão, no diálogo face a face, reconhecer-nos nessa comunhão em Cristo a partir da qual todos definimos nosso ser cristão, nosso ser eclesial e nossa vocação missionária.* ☞

Zwinglio M. Dias, ministro presbiteriano e teólogo.

Colômbia: em busca da paz

Fernando Torres-Londoño

Um país extraordinário porque vive as lutas de três forças a semearem ódios, aleijados e mortos. É admirável a resistência dos que esperam acordos que mudem a fisionomia dramática do espaço dos amantes da paz. Um relato: os avanços, os recuos e as trilhas a seguir

Nos primeiros meses deste ano a situação de guerra vivida pela Colômbia nesta última década trouxe uma dose suficiente de dramas como se fosse para que os 41 milhões de colombianos não tivessem muitas expectativas de que o novo ano seria realmente novo em esperança de paz. Massacres em todo o país em janeiro e fevereiro; torres de energia sendo dinamitadas pelos guerrilheiros; apreensão perante o começo de um ano ainda mais violento que os anteriores.

Ao mesmo tempo o *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) e o governo surpreenderam em janeiro anunciando mais um processo de diálogo e nova zona de distensão ao sul do departamento de Bolívar, idealizada co-

mo zona de encontro que deve hospedar uma convenção nacional. Ainda, em fevereiro no encontro de dois dias entre o presidente Pastrana e Manuel Marulanda Velez, comandante-em-chefe das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) foi decidida a retomada dos diálogos, paralisados desde novembro, e assinado o chamado acordo dos 13 pontos de Los Pozos que busca remover os obstáculos à negociação.

A possibilidade de uma alternativa não violenta voltou a se apresentar e apoiada por grande parte da opinião pública. Como já aconteceu muitas vezes durante este processo, não se entende muito bem o que sucede no país. Muito menos no exterior.

Porém, as duas grandes situações dos primeiros meses do 2001, a ocorrência diária de crimes contra a condição humana e os esforços na busca de uma solução negociada, apontam para os desafios que enfrentaram os atores do conflito num ano que parece definitivo para a paz e para a guerra, o último completado pelo presidente Pastrana e o primeiro da chegada da milionária ajuda militar dos Estados Unidos da América.

UM MILHÃO DE DESALOJADOS

Em primeiro lugar, em janeiro continuou o massacre que há quase dez anos vem padecendo a população civil dos territórios em disputa. Mais de duzentas pessoas morreram no mês, assassinadas fora de combate. A maior parte foram tirados à força de suas casas no meio da noite e executados,

muitos na frente de filhos e familiares. Uma boa parte dos sobreviventes desses massacres se devem juntar a um milhão de desalojados que já tiveram que abandonar suas casas, terras, propriedades e negócios, por causa da guerra.

A responsabilidade por estes crimes é atribuída e reconhecida pelas *Autodefensas Unidas de Colombia* (AUC). Organizadas para responder no campo às ações da guerrilha como seqüestros e cobrança de "impostos", as AUC contam com o apoio e simpatia de importantes setores da opinião pública, aceitação que segundo pesquisa do jornal *El Tiempo* realizada em dezembro chegava a 13%. Compostas por um exército paramilitar de 8.000 homens, as AUC têm mostrado enorme fertilidade nos últimos anos. Segundo o mesmo jornal de 28 de janeiro, as AUC cresceram entre 1998-2000 81% contra 16% da guerrilha. Crescimento que também se refletiria no número de municípios que controlariam, que para o litoral atlântico tem sido calculado num quinto do total. Além de disputar territórios com os guerrilheiros, as AUC fizeram dos massacres contra a população civil uma de suas ações preferidas, como parte da estratégia com que buscam golpear a guerrilha nas suas supostas bases de apoio e plantar o terror entre os que não os apóiam ou permanecem indiferentes.

Dentro deste mesmo quadro de violência em que a condição de vítima desaparece, para se enxergarem só inimigos, 3.162 pessoas (nove por dia) foram seqüestradas em 2000, segundo

dados da polícia. Deles, 2.434 teriam sido seqüestrados pela guerrilha e 203 pelos paramilitares. Os seus captadores alegam que tais “retenções” (como são chamadas) seriam para financiar a luta da libertação nacional ou a defesa da pátria ameaçada pelo comunismo, segundo cada versão. Pela legitimidade que os atores armados têm conseguido perante uma ou outra parcela da opinião pública, a violência que conduz ao assassinato e ao seqüestro é justificada pela guerra que não reconheceria vítimas, só custos necessários, baixas de combatentes ou, no máximo, mortes não necessárias.

JÁ É UM AVANÇO REAL

Contrastando com o terrível início deste ano de mortes e escuridão o anúncio da zona de encontro com o ELN e os esforços de Pastrana e Marulanda Velez em Los Pozos por retomar os diálogos, com apoio de grande parte do país, trazem a esperança da possibilidade real da negociação. Mesmo que os resultados esperados da zona de distensão concedida às Farc tenham ficado aquém das expectativas de uma solução rápida para o fim da guerra, é claro que houve um importante progresso. Por cima de pressões, de desconfiança e rancores, governo e guerrilha se dispuseram ao diálogo. O governo encarou os guerrilheiros como interlocutores políticos e a guerrilha deixou de lado sua prática de privilegiar o militar em detrimento do político. As Farc afirmaram que não buscam a simples reinserção por meio de indultos ou anistias. O que eles querem

O presidente da Colômbia, Andrés Pastrana, reuniu-se em fevereiro com líderes da guerrilha, disposto a negociar



Agência JB

é discutir as bases sociais e políticas de um novo país, sem exclusão social e exploração econômica dos mais pobres. O governo por sua parte manifestou que não abre mão de sua legitimidade, da representação nacional e do cumprimento de suas funções que teria por mandato das urnas.

Encontrar a forma de conversar e deixar suas posições claras, no meio de um enfrentamento de mais de trinta anos, com centenas de mortos, feridos e desalojados, é um avanço real na construção de uma alternativa às soluções baseadas na violência. É claro que construir patamares de interlocução entre inimigos, quando nenhum deles se sente vencido e acredita que sua disponibilidade de conversar se deve só à boa vontade, não é fácil. De ambos os lados se têm cometido erros, vacilações, se tem ignorado muito do que o outro estava falando e da importância que dava a suas exigências. Governo, guerrilha e sociedade avan-

çam por um território do qual não existem mapas. Porém dois anos de esforços apontam já algumas trilhas. A diferença entre o desenho da zona de distensão há dois anos com as Farc, sem objetivos e instrumentos definidos, e agora com o ELN, construído a partir de um regimento claro, metas expressas e com importante presença da sociedade civil, mostram isso com evidência. Na mesma linha iria o acordo de Los Pozos que expressa o compromisso de retomar a Agenda, base de negociação, e caminhar para a discussão do cessar-fogo e das hostilidades.

Também tudo o que se tem passado fora da zona de encontro, dizendo melhor, a guerra que corre solta com suas crueldades e mortes, terminou afetando o ritmo das negociações gerando incidentes e questões a remediar. Como não houve ainda acordo de cessar-fogo, todos os atores procuraram se fortalecer no campo militar. Do lado do governo está a ajuda dos Estados

O país está engatinhando no longo caminho da reconciliação nacional e na convivência entre diferentes a partir do exercício da política como realização da liberdade

Unidos e o aumento do potencial bélico. Por sua parte as Farc têm utilizado a zona de distensão para consolidar suas atividades militares de treinamento, formação, e melhorar sua imagem externa. Também o ELN procurou estar em evidência pelo bloqueio de estradas, bombas contra torres de energia, seqüestros, para pressionar sua própria negociação. Finalmente as AUC aumentaram o terror com os massacres, para ser consideradas nas alternativas de paz e para impedir um cessar-fogo que as deixaria isoladas e, diante da opinião pública, definitivamente na criminalidade.

Pela polarização da guerra e a lentidão da negociação, o processo de paz tem acumulado também um volume grande de frustrações. Isto faz com que no atual momento as cobranças por avanços visíveis em relação à paz sejam muito grandes. De todos os lados se exigem resultados e a presença efetiva na mesa de negociações de questões urgentes como a redução das hostilidades, seja em termos da atuação paramilitar, terrorismo, seqüestros, seja com medidas em vista de um cessar-fogo permanente.

Assim não são poucos e fáceis os temas que os negociadores do governo e das Farc e do ELN têm para levar à frente nas conversações deste ano. Qualquer vacilação agora em direção à paz, será interpretada como recuo, por parte de uma sociedade desgastada pela violência sem fim. E a

esta altura não dá para recuar. O custo do fracasso da negociação será o fortalecimento da guerra como solução.

É PRECISO ABRIR TRILHAS SEGURAS

Os colombianos e a comunidade internacional esperam que se aproveite o início das conversações com o ELN e a retomada das negociações com as Farc para enfrentar grandes temas como: as garantias de preservação da vida de todos os cidadãos e a prática do direito internacional humanitário; as formas de presença da sociedade na negociação; a contribuição à construção da paz como baliza para o recebimento da ajuda internacional; a concordância com verificação nacional e internacional do cumprimento de acordos.

Estes temas devem gerar uma agenda de emergência que propicie gestos específicos, acordos a serem implementados e projetos a serem discutidos. Na prática isto se deve materializar na elaboração, por parte do governo, de planos no âmbito militar e no político, para enfrentar de verdade o poder paramilitar nas suas raízes e bases e deixá-lo sem a legitimidade que alcançou. Da parte da guerrilha é de se esperar a proposta de ações destinadas à libertação imediata dos seqüestrados e à procura de outras fontes econômicas para seu financiamento. Planos e ações estes que podem ser discutidos, executados e submetidos a investigação.

As zonas de distensão, como outros espaços de interlocução e tolerância que podem ser ideados, são trilhas a ser abertas aos três: governo, guerrilha e sociedade. Hoje a construção da paz é um clamor geral dos colombianos. Não se alcançará uma paz duradoura sem o reforço da sociedade civil e as instituições democráticas. Por

meio de comissões permanentes, foros e conferências, os partidos políticos, os governos locais, os grêmios, as associações de classe, as igrejas, as ONGs e os meios de comunicação devem continuar a manifestar respeito ao processo de paz, elaborando e debatendo propostas a serem implementadas.

Finalmente, está cada vez mais claro que a Colômbia precisa da ajuda da comunidade internacional, particularmente da União Européia e da América, como o mostram as conversações entre governo, sociedade e ELN. Ajuda em termos de mediação, arbitragem e investigação. Depois de tanto sofrimento poucos podem ser considerados neutros no país. A luta contra o poder paramilitar e o espírito que ele representa precisa ser acompanhada de fora. Apoios, auxílios e reconhecimento devem ser condicionados à defesa e ao cumprimento estrito do direito internacional humanitário, tanto dentro como fora das áreas de distensão. Ajuda também, na procura de saídas criativas no campo do desenvolvimento social e da preservação do meio ambiente, para a substituição e a erradicação das culturas associadas ao narcotráfico.

O país está, pois, engatinhando no longo caminho da reconciliação nacional e da convivência entre diferentes a partir do exercício da política como realização da liberdade. É de esperar que mesmo em meio à guerra que mata e seqüestra diariamente, a busca da paz pela negociação continue sendo a melhor alternativa à sangria desabrida na qual a Colômbia mergulhou. ☞

Fernando T. Londoño, historiador e professor.

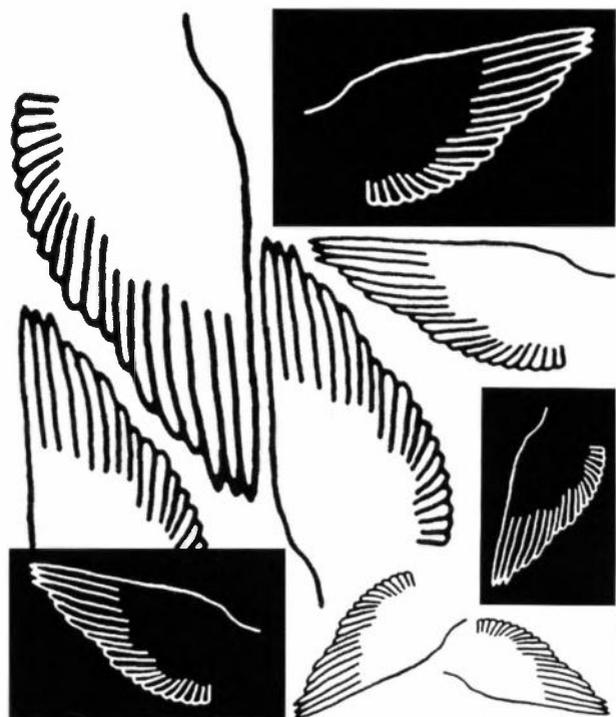
Sobre simplicidade e sabedoria

Pediram-me que escrevesse sobre simplicidade e sabedoria. Aceitei alegremente o convite sabendo que, para que tal pedido me tivesse sido feito, era necessário que eu fosse velho.

Os jovens e os adultos pouco sabem sobre o sentido da simplicidade. Os jovens são aves que voam pela manhã: seus vôos são flechas em todas as direções. Seus olhos estão fascinados por dez mil coisas. Querem todas, mas nenhuma lhes dá descanso. Estão sempre prontos a de novo voar. Seu mundo é o mundo da multiplicidade. Eles a amam porque, nas suas cabeças, a multiplicidade é um espaço de liberdade. Com os adultos acontece o contrário. Para eles a multiplicidade é um feitiço que os aprisionou, uma arapuca na qual caíram. Eles a odeiam, mas não sabem como se libertar. Se, para os jovens, a multiplicidade tem o nome de liberdade, para os adultos a multiplicidade tem o nome de dever. Os adultos são pássaros presos nas gaiolas do dever. A cada manhã dez mil coisas os aguardam com as suas ordens (para isso existem as agendas, lugar onde as dez mil coisas escrevem as suas ordens!). Se não forem obedecidas, haverá punições.

No crepúsculo, quando a noite se aproxima, o vôo dos pássaros fica diferente. Em nada se parece com o seu vôo pela manhã. Já observaram o vôo das pombas ao fim do dia? Elas voam numa única direção. Voltam para casa, ninho. As aves, ao crepúsculo, são simples. Simplicidade é isso: quando o coração busca uma coisa só.

Jesus contava parábolas sobre a simplicidade. Falou sobre um homem que possuía muitas jóias, sem que nenhuma delas o fizesse feliz. Um dia, entretanto, descobriu uma jóia, única, maravilhosa, pela qual se apaixonou. Fez então a troca que lhe trouxe alegria: vendeu as muitas e comprou a única.



Martha Braga

Na multiplicidade nos perdemos: ignoramos o nosso desejo. Movemo-nos fascinados pela sedução de dez mil coisas. Acontece que, como diz o segundo poema do Tao-Te-Ching, *as dez mil coisas aparecem e desaparecem sem cessar*. O caminho da multiplicidade é um caminho sem descanso. Cada ponto de chegada é um ponto de partida. Cada reencontro é uma despedida. É um caminho onde não existe casa ou ninho. A última das tentações com que o Diabo tentou o Filho de Deus foi a tentação da multiplicidade. *Levou-o ainda o Diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória e lhe disse: Tudo isso te darei se prostrado me adores*. Mas o que a multiplicidade faz é estilhaçar o coração. Quem persegue o **muitos** é um coração fragmentado, sem descanso. Palavras de Jesus: *De que vale ganhar o mundo inteiro e arruinar a vida?* (Mateus 16.26).

O caminho da ciência e dos saberes é o caminho da multiplicidade. Adverte o escritor sagrado: *Não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne* (Eclesiastes 12.12). Não há fim para as coisas que podem ser conhecidas e sabidas. O mundo dos saberes é um mundo de somas sem fim. É um caminho sem descanso para a alma. Não há saber diante do qual o coração possa dizer: *Cheguei finalmente ao lar*. Saberes não são lar. São, na melhor das hipóteses, tijolos para se construir uma casa. Mas os tijolos, eles mesmos, nada sabem sobre a casa. Os tijolos pertencem à multiplicidade. A casa pertence à simplicidade: uma única coisa.

Diz Tao-Te-Ching: *Na busca do conhecimento a cada dia se soma uma coisa. Na busca da sabedoria a cada dia se diminui uma coisa*. Diz T. S. Eliot: *Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?* Diz Manoel de Barros: *Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar. Sábio é o que adivinha*.

Sabedoria é a arte de degustar. Sobre a sabedoria Nietzsche diz o seguinte: *A palavra grega que designa o sábio se prende, etimologicamente, a sapio, eu saboreio, sapiens, o degustador, sisyphus, o homem do gosto mais apurado*. A sabedoria é, assim, a arte de degustar, distinguir, discernir. O homem dos saberes, diante da multiplicidade, *precipita-se sobre tudo o que é possível saber, na cega avidéz de querer conhecer qualquer preço*. Mas o sábio está à procura das coisas dignas de serem conhecidas. Imagine um bufê: sobre a mesa enorme da multiplicidade, uma infinidade de pratos. O homem dos saberes, fascinado pelos pratos, se atira sobre eles: quer comer tudo. O sábio, ao contrário, pára e pergunta ao seu corpo: *De toda essa multiplicidade, qual é o prato que vai lhe dar prazer e alegria?* E assim, depois de meditar, escolhe um...

A sabedoria é a arte de reconhecer e degustar a alegria. Nascermos para a alegria. Não só nós. Diz Bachelard que o universo inteiro tem um destino de felicidade.

Vinícius escreveu um lindo poema com o título de *Resta...*. Já velho, tendo andado pelo mundo da multiplicidade, ele olha para trás e vê o que restou: o que valeu a pena. *Resta esse coração queimando como um círio numa catedral em ruínas... Resta essa vontade de chorar diante da beleza...* Vinícius vai, assim, contando as vivências que lhe deram alegria. Foram elas que restaram.

As coisas que restam sobrevivem num lugar da alma que se chama saudade. A saudade é o bolso onde a alma guarda aquilo que ela provou e aprovou. Aprovadas foram as experiências que deram alegria. O que valeu a pena está destinado à eternidade. A saudade é o rosto da eternidade refletido no rio do tempo. E para isso necessitamos dos deuses, para que o rio do tempo seja circular: *Lança o teu pão sobre as águas porque depois de muitos dias o encontrarás...* Oramos para que aquilo que se perdeu no passado nos seja devolvido no futuro. Acho que Deus não se incomodaria se nós o chamássemos de Eterno Retorno: pois é só isso que pedimos dele, que as coisas da saudade retornem.

Ando pelas cavernas da minha memória. Há muitas coisas maravilhosas: cenários, lugares, alguns paradisiacos, outros estranhos e curiosos, viagens, eventos que marcaram o tempo da minha vida, encontros com pessoas notáveis. Mas essas memórias, a despeito do seu tamanho, não me fazem nada. Não sinto vontade de chorar. Não sinto vontade de voltar.

Aí eu consulto o meu bolso da saudade. Lá se encontram pedaços do meu corpo, alegrias. Observo atentamente, e nada encontro que tenha brilho no mundo da multiplicidade. São coisas pequenas, que nem foram notadas por outras pessoas: cenas, quadros: um filho menino empinando uma pipa na praia; noite de insônia e medo num quarto escuro, e do meio da escuridão a voz d'um filho que diz: *Papai, eu gosto muito de você!* Filha brincando com uma cachorrinha que já morreu (chorei muito por causa dela, a Flora). Menino andando a cavalo, antes do nascer do sol, em meio ao campo perfumado de capim gordura. Um velho, fumando cachimbo, contemplando a chuva que cai sobre as plantas e dizendo: *Veja como estão agradecidas!* Amigos. Memórias de poemas, de histórias, de músicas.

Diz Guimarães Rosa que *felicidade só em raros momentos de distração...* Certo. Ela vem quando não se espera, em lugares que não se imaginam. Dito por Jesus: *É como o vento, sopra onde quer, não sabes donde vem, nem para onde vai...* Sabedoria é a arte de provar e degustar a alegria, quando ela vem. Mas dominam essa arte aqueles que têm a graça da simplicidade. Porque a alegria só mora nas coisas simples.

☺

**Este espaço
está reservado
para você**

ANUNCIE AQUI

TEMPO E PRESENÇA abrange todo o território nacional, com público formador de opinião que pode e deve conhecer seu produto ou atividade

Maiores informações com o Setor de Distribuição pelo telefone (21) 224-6713

Direito à vida

Aprovada na Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas Resolução proposta pelo Brasil sobre "Acesso a Medicamentos no Contexto de Pandemias como o HIV/AIDS"

A 57ª Sessão da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas aprovou (23 de abril de 2001), por 52 votos a favor, nenhum contra e 1 abstenção (Estados Unidos), a Resolução intitulada "Acesso a Medicamentos no Contexto de Pandemias como o HIV/AIDS". A Resolução, proposta pela delegação brasileira, contou com o co-patrocínio de mais de cinquenta países.

Com essa aprovação, a Comissão de Direitos Humanos reconhece o acesso a medicamentos como elemento fundamental para a realização do Direito Humano à saúde. Especificamente, a Resolução urge os Estados a garantir que medicamentos e tecnologias médico-farmacêuticas usados para o tratamento de pandemias como a de HIV/AIDS e das infecções que as acompanham: a) estejam disponíveis em quantidade suficiente; b) estejam ao alcance de todos, sem discriminação; c) tenham preços acessíveis a todos os que deles necessitem; d) e sejam apropriados ao tratamento e de boa qualidade. A Resolução

conclama ainda os Estados a que não empreguem medidas que possam negar ou limitar o acesso ao tratamento e a adotar legislação destinada a salvaguardar o direito de todos os indivíduos ao acesso a medicamentos e tecnologias médico-farmacêuticas.

Ao reconhecer que é dever do Estado zelar pelo acesso de sua população a medicamentos essenciais, a Comissão de Direitos Humanos reforça o entendimento daqueles países que, como o Brasil, defendem que o direito à saúde constitui um direito humano. A adoção da Resolução, de maneira quase unânime, ressalta a dimensão de Direitos Humanos do debate em curso em outros foros internacionais acerca do direito de acesso a medicamentos diante de situações de calamidade como a pandemia de HIV/AIDS. Ao propor o Projeto de Resolução, o Governo brasileiro atuou, nesse foro, de forma coerente com a política de saúde que vem adotando, da qual o programa de distribuição gratuita de medicamentos anti-retrovirais desenvolvido pelo Ministério da Saúde é parte fundamental.

(Nota do Ministério das Relações Exteriores. Para outras informações: Eliane Izolan, Márcia Lage ou Flávio Guilherme – Assessoria de Imprensa da Coordenação Nacional de DST/Aids (55 61) 315-2544/225-0407)